



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LILIAN FERNANDES LIMA DOS SANTOS

**A ANSIEDADE NAS PUBLICAÇÕES DA *BEHAVIOUR*
RESEARCH AND THERAPY:
UMA REVISÃO DOS ARTIGOS MAIS INFLUENTES**

Londrina
2022

LILIAN FERNANDES LIMA DOS SANTOS

**A ANSIEDADE NAS PUBLICAÇÕES DA *BEHAVIOUR*
RESEARCH AND THERAPY:
UMA REVISÃO DOS ARTIGOS MAIS INFLUENTES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientador: Prof. Dr. Célio Roberto Estanislau

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Santos, Lilian Fernandes Lima dos.

A ansiedade nas publicações da *Behaviour Research and Therapy* : uma revisão dos artigos mais influentes / Lilian Fernandes Lima dos Santos. - Londrina, 2022.
77 f.

Orientador: Célio Roberto Estanislau.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Ansiedade - Tese. 2. Transtornos de ansiedade - Tese. 3. Terapias comportamentais - Tese. 4. Revisão bibliográfica - Tese. I. Estanislau, Célio Roberto. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

LILIAN FERNANDES LIMA DOS SANTOS

**A ANSIEDADE NAS PUBLICAÇÕES DA *BEHAVIOUR*
RESEARCH AND THERAPY:
UMA REVISÃO DOS ARTIGOS MAIS INFLUENTES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Célio Roberto Estanislau
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Jan Luiz Leonardi
Núcleo Paradigma

Prof^ª Dr. Maria Rita Zoéga Soares
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 24 de fevereiro de 2022.

“Os principais problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano.” (Skinner, 1974)

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus, que sempre me concedeu oportunidades para sonhar, crescer e conquistar.

Agradeço aos meus pais, José e Eliane, as pessoas que me deram o que eu tenho de mais precioso: minha educação. Cheguei aqui em condições muito mais privilegiadas que a de vocês, e com toda certeza, vocês são os responsáveis por isso. Obrigada por tanto. Minha vitória também é de vocês. Uma palavra especial à minha mãe: meu Porto Seguro, minha companheira, que nunca mediu esforços pelos seus. Mãe, sem tudo que me ensinou (e ensina) diariamente, eu não conseguiria estar no desafio que estou e sempre estarei: de ser melhor a cada dia. Aprendi isso com você. Te amo, do tamanho do mundo.

Com coração extremamente grato, preciso me dirigir também ao meu orientador: Célio, obrigada por ter aceito caminhar nesta jornada comigo. Aceitou o desafio de um trabalho fora da sua zona de conforto, pra fazer minha vontade, e contribuiu muito com minha trajetória de “marinheira de primeira viagem” na pesquisa. Obrigada pela paciência e por conseguir contornar meus momentos de desespero. Obrigada por me ensinar a estudar, pesquisar e escrever. Você contribuiu muito com meu crescimento profissional.

Agradeço também ao Rodrigo, que chegou sem avisar e ficou, respeitando meu espaço, entendendo algumas ausências. Com amor e carinho, está sempre presente, me apoiando e comemorando comigo cada conquista. Que suas vibrações positivas e torcida estejam sempre presentes em toda nossa vida. Que nossa caminhada continue assim, com muito respeito e cumplicidade.

Não poderia deixar de agradecer ao Sd. Machado, que foi companheiro de trabalho, e hoje grande amigo: meu maior incentivador para encarar e acreditar que eu seria capaz de trilhar esses caminhos e me tornar mestre em Análise do Comportamento. Obrigada por sempre me desejar os “vôos altos”.

Preciso agradecer aos colegas da turma de mestrado. O apoio e união da turma foi fundamental, tornando os dias de aula na UEL bem mais prazerosos. Obrigada pelas conversas (acadêmicas ou não) e pelos momentos compartilhados na sala de aula, na cantina ou no bar. Agradeço em especial três pessoas: à Elaini Russi, pela companhia e tempo dedicado aos bons papos, à dona Maria Helena pela receptividade e acolhimento em sua casa e, à Luiza pelas inúmeras vezes que, durante as viagens à Londrina ou mesmo em sala, me ajudou com suas explicações e risadas. Você não faz ideia do quanto você foi importante pra mim nesse processo. Sou grata à vida por ter me apresentado a vocês.

Agradeço ainda à minha família, que sempre se faz presente, torce e comemora comigo cada novo passo e nova conquista. Por fim, mas não menos importante, agradeço aos amigos e pacientes, que tiveram paciência e entenderam bem minhas ausências, sempre incentivando e torcendo por mim.

SANTOS, Lilian Fernandes Lima Dos. **A ansiedade nas publicações da Behaviour Research and Therapy**: uma revisão dos artigos mais influentes. 2022. 79 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Mais de 450 milhões de pessoas no mundo sofrem com algum transtorno de saúde mental. Os dados publicados pela OMS em 2017 mostram que a prevalência mundial de transtornos de ansiedade foi de 3,6%. A ansiedade pode trazer prejuízos funcionais para o indivíduo em diversos aspectos relacionados às áreas profissional, social e acadêmica. O conhecimento sobre o assunto e os tratamentos desenvolvidos para tais transtornos têm evoluído ao longo dos anos. Alguns estudos têm merecido destaque por meio do número de vezes em que foram citados por outros estudos. Identificar e analisar artigos mais citados permite obter uma perspectiva histórica e tendências atuais em pesquisas, o que contribui para moldar diagnósticos e para o desenvolvimento de melhores modalidades de tratamentos. O objetivo do presente estudo foi sintetizar as principais contribuições dos artigos mais citados sobre ansiedade na revista Behaviour Research and Therapy, ao longo de suas décadas. Foram realizadas as buscas dos artigos, utilizando as palavras-chave “behavior therapy” e “anxiety”, na referida revista que apresenta o maior fator de impacto da área. Foram analisados os 20 artigos mais citados de cada década para: mapear os estudos mais influentes, sintetizar descobertas em comum, identificar transtornos de ansiedade mais estudados, descrever principais tipos de tratamentos e identificar principais tendências. Os resultados demonstraram o que os estudos tinham em comum entre si, principais contribuições, e influências recebidas do contexto, como das ondas de terapia comportamental e/ou cognitiva (primeira, segunda e terceira) ou pelo uso da tecnologia. Foram apresentadas nuvens de palavras, consideradas representações gráfico-visuais para sintetizar as palavras que aparecem em destaque nos artigos. Pode-se destacar que foram vários os transtornos mentais estudados ao longo dos anos, e que os tratamentos propostos foram aprimorados e apresentando bons resultados. Tratamentos e instrumentos (escalas e inventários) foram sendo melhorados para garantir tratamentos eficazes. Próximos estudos deveriam identificar estudos mais influentes na atualidade, e se estes que marcaram a trajetória dos quase 60 anos de publicação da revista permanecem em destaque.

Palavras-chave: ansiedade; transtornos de ansiedade; terapias comportamentais; revisão bibliográfica.

SANTOS, Lilian Fernandes Lima Dos. **The anxiety in Behaviour Research and Therapy: publications a revision of the most influents articles.** 2022. 79 p. Dissertation (Master's in Behavior Analysis) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

More than 450 million people in the world suffer from mental health disorders. The published data by WHO in 2017 show that worldwide prevalence of anxiety was 3.6%. Anxiety can cause functional damages to the individual in several aspects related to professional, social and academic areas. Knowledge on the subject and treatments developed for those disorders have evolved over the years. Some studies have been highlighted by the number of times they were cited by other studies. Identifying and analyzing the most cited articles provides a historical perspective and current trends in research, thus contributing to diagnoses and development of better treatments modalities. The aim of the present study was to summarize the main contributions of the most cited articles on anxiety in the journal Behaviour Research and Therapy, throughout its decades of existence. Articles were searched using the keywords 'behavior therapy' and 'anxiety', was carried out in the aforementioned journal, which has the greatest impact factor in the area. The 20 most cited articles from each decade were analyzed for: mapping the most influential studies of each decade, summarizing common findings, identifying the most studied anxiety disorders, describing main types of treatments and identifying principal tendencies. The results demonstrated what the studies had in common with each other, their main contributions, and influences received from the context, such as the behavioral and/or cognitive therapy waves (first, second and third) or the use of technology. Word clouds were presented, considered graphic-visual representations to synthesize the words that appear prominently in the articles, in different decades. We can highlight that several mental disorders were studied over the years, and that the proposed treatments have been improved in these years, showing good results in many opportunities. Treatments and instruments (scales and inventories) were improved to ensure effective treatments for patients. Future studies should identify the most influential studies at present, and if those studies that marked the trajectory of the journal's almost 60 years of publication stay in the spotlight.

Key words: anxiety; anxiety disorders; behavior therapies; literature review.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1960	27
Figura 2 -	Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1970	29
Figura 3 -	Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1980	32
Figura 4 -	Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1990	35
Figura 5 -	Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 2000	37
Figura 6 -	Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 2010	40

APÊNDICES

Tabela 1 -	Lista dos artigos mais citados da década de 60 em ordem decrescente de citações.....	72
Tabela 2 -	Lista dos artigos mais citados da década de 70 em ordem decrescente de citações.....	73
Tabela 3 -	Lista dos artigos mais citados da década de 80 em ordem decrescente de citações.....	74
Tabela 4 -	Lista dos artigos mais citados da década de 90 em ordem decrescente de citações.....	75
Tabela 5 -	Lista dos artigos mais citados da década de 2000 em ordem decrescente de citações.....	76
Tabela 6 -	Lista dos artigos mais citados da década de 2010 em ordem decrescente de citações.....	78

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT	Terapia de Aceitação e Compromisso
ADIS-R	<i>Anxiety Disorders Interview Schedule-Revised</i>
AS	<i>Absorption Scale</i>
BAI	<i>Beck Anxiety Inventory</i>
BDI	<i>Beck Depression Inventory</i>
CMAS	Escala de Ansiedade Manifesta em Crianças
DASS	<i>Depression Anxiety Stress Scale</i>
DBT	<i>Dialectic Behavior Therapy</i>
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
ECR	Estudos Clínicos Randomizados
FNE	<i>Fear of Negative Evaluation Scale</i>
FSS	<i>Wolpe-Lang Fear Survey Schedule</i>
FSS-FC	Escala de Medo em Crianças
HEP	Programa de Melhoria da Saúde
IBCT	<i>Internet Based Cognitive Therapy</i>
III	<i>Interpretation of Intrusions Inventory</i>
IUS	Escala de Intolerância à Incerteza
MAS	<i>Taylor Manifest Anxiety Scale</i>
MBCT	<i>Mindfulness-Based Cognitive Therapy</i>
MBSR	<i>Mindfulness-Based Stress Reduction</i>
MHVT	<i>Mill Hill Synonym Vocabulary Test</i>
OBQ	<i>Obsessive Belief Questionnaire</i>
PSWQ	<i>Penn State Worry Questionnaire</i>
PSAS	<i>The Pre-Sleep Arousal Scale</i>
RCADS	Escala Revisada de Ansiedade e Depressão Infantil
RFT	Teoria das Molduras Relacionais
SAD	<i>The Social Avoidance and Distress Scale</i>
SCAS	<i>Spence Children's Anxiety Scale</i>
SCAS-P	Escala de Ansiedade Infantil de Spence
SIAS	Escala de Ansiedade e Interação Social
SII	Síndrome do Intestino Irritável
SPS	Escala de Fobia Social

<i>STABS</i>	<i>Anxiety Behavior Scale</i>
<i>STAS</i>	<i>Sarason Test Anxiety Scale</i>
<i>STAI</i>	<i>State-Trait Anxiety Inventory</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	22
2.1	OBJETIVO GERAL	22
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	22
3	MÉTODO	23
3.1	PROCEDIMENTO.....	23
4	RESULTADOS	25
5	DISCUSSÃO	42
6	CONCLUSÃO	50
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
	APÊNDICES	72

1 INTRODUÇÃO

Mais de 450 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem com algum transtorno de saúde mental (Oreskovic, 2016). Os dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2017 mostram que a prevalência mundial dos transtornos de ansiedade é de 3,6% (WHO, 2017). No continente americano esse transtorno alcança maiores proporções, principalmente entre as mulheres, atingindo 7,7% delas. Um estudo divulgado em 2012 sobre a prevalência de transtornos mentais na região metropolitana de São Paulo constatou que um em cada 10 residentes na megacidade apresentava um transtorno mental grave recentemente ativo e que a ansiedade seria responsável por 19,9% deste total, seguida dos transtornos de humor e de outras classes diagnósticas (Andrade et al., 2012).

Os transtornos de ansiedade descritos no DSM-5 (APA, 2013) referem-se a um grupo de transtornos mentais caracterizados por sentimentos de ansiedade e medo, e incluem Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), Transtorno de Pânico, Especificador de Ataque de Pânico, Fobias Específicas, Transtorno de Ansiedade Social, Agorafobia, Transtorno de Ansiedade de Separação, Mutismo Seletivo, Transtorno de Ansiedade induzido por substância/medicamento, Transtorno de Ansiedade devido à outra condição médica, Transtornos de Ansiedade Especificado e Não especificado. Os sintomas podem variar de leves a graves e sua duração é que acaba por tornar o transtorno de ansiedade mais um problema crônico do que episódico. O conhecimento sobre o assunto e os tratamentos desenvolvidos para os transtornos de ansiedade têm evoluído ao longo dos anos, alguns estudos pioneiros marcaram essa trajetória e merecem destaque.

É importante destacar a diferença entre ansiedade normal e patológica. De acordo com Castillo et al. (2000), a ansiedade pode ser considerada uma sensação (ou sentimento) vaga e desagradável de medo, apreensão, caracterizada por tensão ou desconforto, provenientes de

uma antecipação de perigo, muitas vezes de algo desconhecido. Segundo DeSousa et al. (2013), a ansiedade e o medo são condições essenciais e naturais à vida humana, e são responsáveis por preparar o indivíduo para situações de ameaça e perigo. Diante dessas situações, uma combinação de fatores contextuais e individuais, como os fatores cognitivos e comportamentais, acaba por provocar respostas específicas e direcionadas a algum tipo de ação. Tanto ansiedade como o medo passam a ser considerados patológicos quando são exagerados ou desproporcionais ao estímulo ou à situação que os desencadeiam, causando problemas na qualidade de vida e no desempenho das atividades diárias do indivíduo. Uma maneira útil para diferenciar a ansiedade normal e a patológica seria a avaliação da reação ansiosa. Isto é, se a reação ansiosa for de curta duração, autolimitada e relacionada ao estímulo ansiogênico, é considerada normal; se for longa, e desproporcional ao evento que a causou, deverá ser melhor investigada e pode ser considerada patológica.

A ansiedade como um problema clínico pode atingir a vida dos indivíduos em vários aspectos, trazendo prejuízos funcionais como: o impedimento de atividades rotineiras do trabalho, da vida social ou acadêmica; grande prevalência de comportamentos de evitação que podem provocar sofrimento significativo no cotidiano dos envolvidos (Zamignani & Banaco, 2005). Além dos agravos à saúde, o número elevado de pessoas no mundo que requerem atenção profissional implica em custos significativos para os países, especialmente naqueles que sofrem com problemas frequentes de convulsões sociais e políticas e naqueles com altas taxas de desastres naturais. Com isso, torna-se importante e cresce a cada dia o número de estudiosos, profissionais de saúde, cientistas sociais e da área da saúde que se dedicam a desenvolver intervenções que tratem de forma efetiva os pacientes nessa condição (Clark & Beck, 2012).

O principal foco do nosso estudo foi investigar como a ansiedade tem sido estudada e tratada em diferentes momentos das últimas décadas. Objetiva-se também investigar quais as

principais contribuições dos estudos mais influentes ao longo dos últimos anos, e se algo mudou na descrição do fenômeno, na forma de estudá-lo e tratá-lo, considerando as contingências culturais e sociais.

De acordo com Skinner (1974) o comportamento do indivíduo “não muda porque ele se sente ansioso; muda por causa das contingências aversivas que geram a condição que é sentida como ansiedade. A mudança de sentimento e a mudança de comportamento têm uma causa comum” (pp. 61-62). Skinner (1945/1959) descreve que alguém se torna consciente do que está fazendo só depois que a sociedade reforçou respostas verbais relacionadas ao seu comportamento, sendo fonte de estímulos discriminativos. E assim, segundo Queiroz e Guilhardi (2001), a partir do momento em que o indivíduo for capaz de descrever as contingências das quais seu comportamento é função, ele terá a possibilidade de alterá-las.

Segundo Delitti (2008), um dos melhores procedimentos terapêuticos é ensinar o paciente a analisar contingências do seu ambiente relacionadas com sua queixa, a identificar a relação entre comportamentos e consequências e construir suas próprias regras. Nessa perspectiva, a concepção analítico-comportamental da ansiedade desvia o foco da compreensão deste fenômeno psicológico como algo que o indivíduo “tem” ou “é”, e oferece a compreensão enquanto comportamento e nesta medida, como algo construído e que pode ser alterado, tendo a psicoterapia um papel central nessa mudança.

Barlow e Allen (2004) trouxeram um resumo dos principais tipos de tratamentos de ansiedade que haviam sido utilizados ao longo dos anos, bem como uma perspectiva de como deveriam ser desenvolvidos os estudos futuros. Segundo os autores, e em concordância com outras referências (Grossberg & Wilson, 1965; Cautela, 1965), Joseph Wolpe representa o início mais visível da terapia comportamental, baseando seu procedimento na dessensibilização sistemática. Para os autores, durante a década de 80, estudos controlados demonstraram apoio empírico significativo à eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental, e os tratamentos para

os transtornos de ansiedade eram cada vez mais marcados por protocolos individualizados, específicos a cada um dos transtornos. Eram tratamentos individualizados e padronizados, com vários formatos, usos e configurações. A validação da eficácia desses protocolos alcançou o auge no final dos anos 90, com um número grande de publicações. Para o futuro, os autores acreditavam que seria possível o desenvolvimento de uma técnica única e mais precisa, baseada em alguns pontos, como exposição aos estímulos evocadores de ansiedade, por exposição situacional ou imaginal, e na “sensação de incontabilidade ou imprevisibilidade” relatada pelos clientes.

Sarbin e Calif (1964) consideravam desde a época que uma leitura atenta de livros, artigos, periódicos e dicionários deixava uma imagem confusa a respeito da definição de ansiedade. Algumas definições se dão em termos de comportamento manifesto, como tremor e gagueira; outras em termos de eventos antecedentes, como estímulos aversivos e memórias de traumas; outras ainda em termos de respostas fisiológicas, como frequências cardíaca e respiratória alteradas. Salientam com isso que haveriam implicações claras para a prática psicoterapêutica, pois como alternativa a focar a ansiedade como um sinalizador mentalista ou fisiológico de lutas psíquicas internas (como sugerem alguns autores), o terapeuta poderia focar nas dificuldades apresentadas pelo paciente, isto é, apenas na topografia do comportamento e sua relação com o contexto.

Outros autores destacam as definições de ansiedade como um problema. Friman et al. (1998) destacam que muitas das definições aparecem em termos de “como se”, abrindo para a utilização de várias metáforas que vão desde a “sensação de asfixia” até termos pseudotécnicos, como por exemplo “sentir borboletas no estômago”, “inquietação” ou “sensação de estar com os nervos à flor da pele”. Destacam a definição comum de ansiedade, relacionada às reações fisiológicas em eventos com resultados incertos, mas potencialmente aversivos. Clark e Beck (2012) destacam que qualquer teoria da ansiedade que possa oferecer orientação para sua

investigação e tratamento deve diferenciar medo e ansiedade de forma clara. Para Beck et al. (1985), o medo “é a avaliação de perigo” (p.9). Em outras palavras, o medo seria como um alarme primitivo em resposta a um perigo que está presente. Já a ansiedade estaria relacionada a uma “expectativa apreensiva” de eventos que podem, ou não, ocorrer. Treffers e Silverman (2011) também relatam que haveriam problemas com as terminologias, o que pode dificultar a pesquisa sobre ansiedade. Assim, torna-se importante uma revisão do que é considerado ansiedade e de como poderia estudada e tratada.

Um outro fator a ser considerado são as condições sócio-históricas envolvidas nos artigos, não só para as definições propostas, mas para as influências que receberam na época do desenvolvimento da pesquisa e publicação dos resultados. Murphy et al. (2004) propôs-se a estudar as relações entre a ansiedade e a depressão ao longo do tempo, e as tendências históricas em termos de prevalência, distribuição por idade e sexo, e sua comorbidade com a depressão. Destacou como conclusão geral que as pessoas nascidas após a Segunda Guerra Mundial apresentaram uma maior vulnerabilidade à depressão. Um dos focos do estudo foi investigar se a distribuição da depressão se assemelhava à distribuição da ansiedade, transtornos em que mulheres se apresentavam mais vulneráveis. Essas evidências, em comparação a outros estudos da época, mostraram aumento nos índices de depressão. Consideram fatores sociais e históricos como importantes variáveis para se estudar a prevalência dos transtornos mentais. Assim, destacamos a importância de se considerar as diferentes contribuições de artigos de diferentes décadas, visto que fatores sociais e históricos poderiam interferir nas descobertas.

Temas muito diversos foram foco dos estudos desde o surgimento das terapias comportamentais. Por exemplo, alguns estudos publicados na década de 60 estudaram as contribuições de Wolpe (1958) e a aplicação de suas descobertas (Grossberg & Wilson, 1965; Cautela, 1965). Na década de 80, começaram a ser publicados artigos que tentavam descrever

modelos cognitivos como explicação para os problemas relacionados à ansiedade (um exemplo é o modelo de Clark, 1986). Na década de 90, foram várias as publicações que estudavam e tentavam validar escalas e inventários de depressão e de ansiedade, para discriminar os padrões psicométricos envolvidos, avaliar estados emocionais vivenciados por participantes sem queixa em comparação com os ansiosos (Lovibond & Lovibond, 1995; Spence, 1998; Brown et al, 1997). A partir do ano 2000, foram publicadas diversas pesquisas com ênfase nas intervenções cognitivo-comportamentais, enfatizando a eficácia de tais intervenções e descrevendo modelos cognitivos para diversos tipos de tratamentos – insônia, pensamentos patológicos, entre outros (ver, por exemplo: Harvey, 2002; Boyle et al., 2004; Hirsch & Mathews, 2012). Com essa retomada, fica evidente o quanto às publicações mudaram seu foco de estudo no decorrer dos anos e que essa compreensão pode ser importante para conhecermos as principais contribuições dos estudos publicados para a área.

Para além disso, segundo Andery et al. (2000), estudar a história da Análise do Comportamento é descrever as variáveis das quais o comportamento dos cientistas é função em uma determinada época. Para Morris et al. (1995), estudar a história desta disciplina pode esclarecer suas características principais, assim como facilitar a descrição e o entendimento de como suas práticas se desenvolveram, assim como as suas subdisciplinas. Segundo os autores, um outro propósito importante de se fazer esse tipo de pesquisa é para o desenvolvimento da filosofia analítico-comportamental.

Ao longo das décadas, milhares de artigos sobre ansiedade foram publicados e ganharam destaque por suas contribuições. De acordo com Bhasin et al. (2020), um método para identificar os estudos marcantes, que tiveram impacto significativo e histórico, seria a análise de citações. Quando um artigo é utilizado como referência em outra publicação, recebe uma citação, que tem entre seus objetivos dar créditos ao autor do estudo original e encaminhar o leitor para outras referências correlatas ao assunto. Segundo os autores, quanto mais citações,

mais impacto este estudo pode ter em seu campo e mais reconhecimento o autor recebe. Dessa forma, o número de citações pode ser usado como critério para a identificação de artigos influentes sobre o tema da ansiedade.

Segundo Bhasin et al. (2020), identificar e analisar os artigos mais citados permite uma visão do desenvolvimento histórico e das tendências atuais nas pesquisas relacionadas aos transtornos de ansiedade, o que contribui para moldar diagnósticos e para o desenvolvimento de melhores modalidades de tratamentos. Um grande número de artigos científicos aborda o tema da ansiedade nas últimas décadas, de forma que é muito difícil conhecer toda essa literatura. O estudo de Bhasin et al. (2020) identifica os artigos mais citados sobre transtornos de ansiedade. Artigos de diversos periódicos foram mencionados, incluindo a *Behaviour Research and Therapy*, que ficou entre os 5 periódicos que publicaram os artigos mais citados. Em seu estudo, Bhasin et al. (2020) relacionaram e caracterizaram as 50 publicações mais citadas sobre o tema. Dessa forma, o estudo destacou as publicações revisadas por pares mais influentes relacionadas a transtornos de ansiedade, fornecendo assim um relato histórico do desenvolvimento da pesquisa nessas psicopatologias.

Para a realização do presente estudo, após uma breve pesquisa nas principais bases de dados, foi realizada uma busca na base de dados Scopus com as palavras-chave “*behavior therapy*” e “*anxiety*”. Ao comparar periódicos com a maior quantidade de documentos publicados no assunto e seus dados métricos, adotou-se como critério de seleção o maior fator de impacto. O fator de impacto de um periódico é publicado todo ano pela *Clarivate Analytics* e consiste na medida do número de vezes que um artigo médio do periódico foi citado durante os dois anos anteriores. Por exemplo: o fator de impacto do ano de 2019 foi calculado dividindo A/B, em que A corresponde ao número de vezes em que artigos publicados em 2017 e 2018 foram citados em periódicos durante 2019 e B é o número total de itens citáveis publicados pelo periódico em 2017 e 2018. Os itens citáveis correspondem a artigos, resenhas,

procedimentos etc., não incluem editoriais ou cartas ao editor. No caso da revista *Behaviour Research and Therapy* o fator de impacto é de 4,5.

De acordo com dados do escopo da revista, a *Behaviour Research and Therapy* é um jornal científico com revisão por pares. Foi estabelecido por Hans Eysenck em 1963 como o primeiro jornal do mundo dedicado à terapia comportamental. Tem como foco principal a pesquisa e terapia comportamental, com uma abordagem experimental de psicopatologia, com o objetivo de compreender transtornos emocionais e comportamentais, assim como sua prevenção e tratamento, usando métodos e modelos comportamentais, cognitivos e psicofisiológicos (incluindo os neurais). Abarca também estudos experimentais de laboratório com indivíduos saudáveis, em risco ou mesmo com amostras clinicamente graves. Além dos distúrbios psicológicos tradicionais, o escopo da revista contempla também a medicina comportamental (como por exemplo, o estudo da dor crônica), e incentiva principalmente as revisões teóricas de mecanismos que contribuem para a psicopatologia e que oferecem novos alvos de tratamento, testes de novas intervenções psicológicas, inovações na disseminação e implementação de práticas baseadas em evidências na prática clínica em psicologia, e nos campos associados (Craske, s.d.).

Desde o início das publicações na revista (que datam de 1963), há artigos publicados com assuntos correlatos à ansiedade. O salto no número de publicações foi bastante significativo na década de 90 e o motivo possivelmente está relacionado ao maior número de edições da revista na época: a revista começou com 4 edições anuais em 1963 e aumentou para 6 em 1976. Em 1993 passou de 6 para 8 edições ao ano e em 1996 passou de 8 para 12 edições ao ano, número que permanece até hoje.

Uma vez que a ansiedade pode tornar-se um problema e tomar grandes proporções, interferindo na funcionalidade da vida dos indivíduos, salientamos não só a importância do tema, mas também do periódico escolhido para que seja realizada a presente pesquisa. Dessa

forma, é de grande relevância social e científica investigar como a ansiedade tem sido descrita e examinada ao longo dos últimos anos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo do presente estudo foi sintetizar as principais contribuições dos artigos mais citados sobre ansiedade na revista *Behaviour Research and Therapy*, ao longo de suas décadas de existência.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Mapear os estudos mais influentes de cada década.
- Sintetizar o que os estudos têm em comum em suas descobertas.
- Identificar os transtornos de ansiedade estudados pelos estudos mais influentes.
- Descrever os principais tipos de tratamentos para os transtornos de ansiedade trazidos pelos estudos.

- Identificar as principais tendências da área nas diferentes épocas, no que diz respeito aos tratamentos e diagnósticos estudados que prevalecem em cada período.

3 MÉTODO

3.1 PROCEDIMENTO

A presente pesquisa trata-se de um estudo de revisão bibliográfica. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada a identificação de estudos sobre ansiedade na revista *Behaviour Research and Therapy*, que é a de maior fator de impacto (FI 4,5) de publicações do universo comportamental.

A pesquisa foi dividida em etapas, descritas a seguir.

Etapa 1 – Pesquisa nas principais bases de dados

Na primeira etapa, após uma breve pesquisa nas principais bases de dados, foi realizada uma busca na base de dados Scopus com as palavras-chave “*behavior therapy*” e “*anxiety*”. Ao se comparar periódicos com a maior quantidade de documentos publicados no assunto e seus dados métricos, se adotou como critério de seleção o maior fator de impacto.

Etapa 2 – Pesquisa na base de dados Scopus

Na segunda etapa, utilizou-se a palavra-chave “*anxiety*” e a seleção de busca apenas na revista *Behaviour Research and Therapy*. Foram encontradas 1989 publicações, desde 1963 (início da revista) a 2019. Foram selecionados os 20 artigos mais citados de cada década relacionados com a ansiedade, vista de forma conceitual ou aplicada em contexto clínico, que se referem aos diversos transtornos de ansiedades e aos tratamentos propostos. Não foram delimitados critérios de exclusão, uma vez que o principal objetivo foi investigar as diferentes contribuições que surgiram ao longo dos anos de publicação do periódico.

Etapa 3 -Análise dos textos e compilação dos dados

Na terceira etapa, os textos foram lidos e sistematizados de forma descritiva. Foram incluídos estudos empíricos e teóricos sobre terapias comportamentais para ansiedade, instrumentos validados ou não, protocolos de tratamento, e revisões bibliográficas sobre o assunto. Vale ressaltar que o termo “terapias comportamentais” foi utilizado de forma genérica,

pois foram contempladas tanto terapias analítico-comportamentais, quanto terapias cognitivo-comportamentais.

Um recurso adicional utilizado foi a elaboração de nuvens de palavras. As nuvens de palavras são representações gráfico-visuais que mostram a frequência das palavras de um texto. As palavras aparecem em fontes com tamanhos e cores variados, indicando o que será mais relevante no texto (Vilela et al. 2020). Quanto maior e mais chamativa for a cor ou o tamanho da letra da palavra representada na nuvem, mais vezes ela foi utilizada no texto analisado. Nuvens de palavras podem ser consideradas como uma ferramenta de análise de conteúdo, e podem ter várias utilidades: análise de dados qualitativos (Carvalho Júnior et al., 2012; Neves, 2013), para dar destaque aos termos mais buscados nos sítios eletrônicos (Lunardi, et al., 2008) e também a sua utilização como ferramenta para o ensino aprendizagem (Ramsden & Bate, 2008). As nuvens de palavras deste estudo foram realizadas através de um site que oferece o serviço gratuitamente (*WordItOut.com*). O site permite criar nuvem de palavras, importando palavras da internet, e de documentos, sendo possível salvá-las em imagens ou outros formatos. Para elaboração das mesmas, utilizou-se apenas os títulos dos 20 artigos mais citados de cada década. A palavra “*anxiety*” que inevitavelmente apareceria em destaque, por ser o tema foco de nosso estudo, foi retirada de todos os títulos que aparecia. Foram retirados os termos comuns do idioma, tais como “*the*”, “*and*” e “*or*”. As palavras que deveriam aparecer juntas (como o nome de uma escala ou de um diagnóstico) receberam hífen. Com o objetivo de concentrar apenas as palavras mais importantes, configurou-se a nuvem para ter somente palavras que apareceram no mínimo duas vezes.

4 RESULTADOS

A lista dos artigos estudados, organizados em ordem decrescente de citações, está apresentada no formato de tabelas no apêndice.

DÉCADA DE 1960

A dessensibilização sistemática foi o tema mais presente nos 20 artigos mais citados da década de 1960. Foi mostrado que o relaxamento pode contribuir para o seu efeito (Wolpin & Raines, 1966; Kondas, 1967; Lomont & Edwards, 1967) e foi proposto um modelo fisiológico do seu funcionamento (Lader & Mathews, 1968). Vários estudos demonstraram que os efeitos são maiores quando a dessensibilização é feita com o próprio estímulo (fóbico) que com a sua imaginação (Cooke, 1966; Barlow et al., 1969). Foi demonstrado também que o tratamento em grupo é tão efetivo quanto o individual (Suinn, 1968; Mann & Rosenthal, 1969) e que sua execução vicária teve efeito equivalente (Mann & Rosenthal, 1969). A viabilidade da utilização da técnica de dessensibilização em grupo foi demonstrada para o tratamento da ansiedade de teste (Lomont & Edwards, 1967; Garlington & Cotler, 1968) e de palco (Kondas, 1967). Houve ainda um estudo preliminar da combinação de dessensibilização sistemática com metohexitona sódica (Friedman, 1966).

Vários artigos, entre os mais citados, utilizaram e/ou estudaram escalas na pesquisa. Entre as escalas, podemos citar: *Wolpe-Lang Fear Survey Schedule (FSS)*, *Taylor Manifest Anxiety Scale (MAS)*, *Sarason Test Anxiety Scale (STAS)*, e a *Suinn Test Anxiety Behavior Scale (STABS)*. As escalas geralmente são utilizadas para realizar a comparação do pré e pós-teste dos tratamentos propostos, ou são comparadas entre si.

O estudo de Grossberg e Wilson (1965) fez a comparação entre as escalas *FSS* e *MAS*. Embora pareçam medir características comportamentais em comum, não podem ser usadas alternadamente, isto é, não são intercambiáveis. No estudo de Kondas (1967), para auxiliar na

redução do medo do palco e da ansiedade de teste, a escala *FSS* foi utilizada para avaliar os efeitos das estratégias utilizadas. No estudo de Garlington e Cotler (1968) os escores foram comparados utilizando as escalas *Sarason Test Anxiety Scale* e a *FSS II* de Geer (1965).

Scherer e Nakamura (1968), o artigo mais citado da década, objetivava fazer uma comparação entre a Escala de Medo em Crianças (*FSS-FC*) e a Escala de Ansiedade Manifesta em Crianças (*CMAS*). Foram administradas em meninos e meninas de 9 a 12 anos, e realizada uma análise fatorial de cada escala, resultando em subescalas destinadas à avaliação clínica e pesquisa de medo em crianças. No estudo de Suinn (1968) os sujeitos foram avaliados pré e pós-teste por três escalas: *STABS*, *STAS* e pela *FSS* com algumas modificações. Suinn (1969) testou a confiabilidade da Escala *STABS* utilizando os dados normativos, e considerou que os mesmos podem ser utilizados como uma hierarquia pronta para os tratamentos, a ser classificada por cada cliente.

O estudo de Rubin et al. (1969) chama a atenção por ter realizado uma análise fatorial, que reduziu os 122 itens da Escala *FSS* a cinco fatores. Os 5 fatores são: medos relacionados à animais, medos relacionados a manifestações de hostilidade, medos primitivos e sexuais, medo da solidão, medo de sentir dor física. Os itens foram avaliados para descobrir quais estímulos são capazes de evocar respostas de ansiedade. Foram realizadas também sugestões para a utilização da escala no contexto clínico, como por exemplo, para a partir do resultado da escala, decidir qual tipo de tratamento será utilizado para cada paciente.

A Figura 1 mostra uma nuvem de palavras com os termos mais utilizados nos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 60.

Figura 1

Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1960.



Nota: Foram usadas apenas palavras que apareceram no mínimo duas vezes. Quanto maior a frequência da palavra, maior o destaque da mesma na nuvem.

Pode-se notar que os principais temas da década (mencionados acima) se refletem nas palavras mais frequentes nos títulos, tais como *desensitization* (dessensibilização), *test-anxiety* (ansiedade de teste) e *Fear-Survey-Schedule* (cronograma de pesquisa de medo).

DÉCADA DE 1970

Na década de 70, estudos utilizando a dessensibilização sistemática continuaram em destaque (Borkovec & Sides, 1979; Boulougouris et al, 1971; Hugdahl et al., 1977; Marzillier et al., 1976), mas as comparações entre procedimentos também estavam entre os estudos mais citados da década.

Alguns estudos fizeram a comparação dos efeitos dos procedimentos de *flooding in vivo* e *flooding in imagination*, e foi demonstrado um efeito claramente superior da exposição *in vivo* para pacientes agorafóbicos (Emmelkamp & Wessels, 1975; Emmelkamp et al. 1978) e

um efeito maior em exposições prolongadas para pacientes obsessivo-compulsivos (Rabavilas et al., 1976). O procedimento de *flooding*, também conhecido como inundação, é o mesmo procedimento de exposição (*in vivo* ou *in imagination*). O estudo de Boulougouris et al. (1971) indicou superioridade do *flooding* à dessensibilização no tratamento do medo para pacientes com ansiedade fóbica.

Nos estudos relacionados à agorafobia, foi demonstrado que o tratamento combinado de *flooding in vivo* e auto-observação é mais eficaz do que cada um deles separadamente (Emmelkamp, 1974). Também se demonstrou que a exposição prolongada (*flooding*) *in vivo* é mais eficaz (Emmelkamp & Wessels, 1975; Emmelkamp et al. 1978).

O fenômeno da habituação foi avaliado por várias pesquisas da década, e fora demonstrado que a habituação à ansiedade subjetiva ocorre tanto durante a exposição em imaginação, quanto entre as sessões (Foa & Chambless, 1978). No estudo de Watson et al. (1972) foi estudada a habituação fisiológica após exposição prolongada às situações fóbicas, na fantasia e na prática. Através da medida da frequência cardíaca e da condutância da pele, foi possível perceber que a melhora fisiológica acompanha a melhora clínica.

Alguns estudos envolvendo o treinamento de habilidades sociais também ganharam destaque na década de 70. Marzillier et al. (1976) demonstraram que tanto a dessensibilização sistemática quanto o treinamento de habilidades sociais levaram a melhoras significativas nas habilidades sociais, no entanto, não houve melhora na ansiedade. Já no estudo de Ollendick e Hersen (1979), o treinamento de habilidades sociais fora realizado com jovens delinquentes encarcerados, e além das habilidades sociais apropriadas terem sido evidentemente aprendidas, houve melhora na ansiedade e um melhor ajuste ao programa institucional.

O estudo mais citado da década de 70 consiste em um formulário de autoavaliação, que fora descrito para monitorar as mudanças em pacientes fóbicos e é derivado de versões anteriores utilizadas. O formulário (curto, confiável e válido) apresenta seus resultados em 4

classificações diferentes – a saber: fobia principal, fobia global, fobia total e ansiedade-depressão – e poderia auxiliar muito nas pesquisas com populações da clínica para comparação dos resultados, caso fosse adotado como padrão (Marks & Mathews, 1979).

A Figura 2 mostra uma nuvem de palavras com os termos mais utilizados nos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 70.

Figura 2

Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1970.



Nota: Foram usadas apenas palavras que apareceram no mínimo duas vezes. Quanto maior a frequência da palavra, maior o destaque da mesma na nuvem.

Pode-se notar que a palavra *flooding* é a que mais apareceu, seguida das palavras *versus* (que se refere à comparação), *fear* (medo), *social-skills* (habilidades sociais) e *agoraphobics* (agorafóbicos). As palavras em destaque coincidem com os temas mais citados entre os artigos mais citados da década.

DÉCADA DE 1980

Na década de 80, alguns estudos relacionados à terapia cognitivo-comportamental começaram a ser publicados, e estavam relacionados à explicação de algum fenômeno segundo

o modelo cognitivo, ou abordavam os tratamentos e formas de abordagem dos diferentes problemas estudados.

Clark (1986) descreveu um modelo cognitivo de pânico e afirmou que os ataques de pânico eram resultado de uma interpretação errônea catastrófica de sensações corporais, que eram percebidos como muito mais perigosas do que realmente seriam. Em seu estudo, Salkovskis e Warwick (1986) examinaram o conceito de hipocondríase a partir de uma abordagem cognitivo-comportamental e a terapia cognitiva como tratamento foi eficaz. Tanto o estudo de Lucock e Salkovskis (1988), quanto o estudo de Beidel et al. (1985) analisaram aspectos da ansiedade social a partir da visão cognitiva-comportamental. Ambos os estudos demonstram que pacientes socialmente ansiosos subestimam sua capacidade de lidar com situações que consideram socialmente ameaçadoras.

Entre os 20 artigos mais citados, pelo menos seis deles utilizaram escalas, questionários ou inventários para avaliar os seus assuntos de interesse. Para avaliar as características da preocupação, foram utilizadas as escalas *Beck Depression Inventory (BDI)*, *State-Trait Anxiety Inventory (STAI)*, *FSS*, *Absorption Scale (AS)*. Os indivíduos que se autodenominam preocupados relatam sobre a incontrollabilidade das invasões cognitivas uma vez que a preocupação foi iniciada (Borkovec et al., 1983). Para avaliar o processamento seletivo das pistas de ameaças nos estados de ansiedade Mathews e MacLeod (1985) e Mogg, et al. (1989) utilizaram as escalas *STAI*, *BDI*, *Mill Hill Synonym Vocabulary Test (MHVT)* e encontraram diferenças significativas entre os indivíduos ansiosos e os indivíduos do grupo controle. Os aspectos fisiológicos, cognitivos e comportamentais da ansiedade social foram avaliados por Beidel, et al. (1985) e Lucock e Salkovskis (1988) por meio das escalas *The Social Avoidance and Distress Scale (SAD)*, *Fear of Negative Evaluation Scale (FNE)*, *STAI* e *FSS*. No estudo de Craske et al. (1989), em que os autores avaliam as dimensões qualitativas da preocupação e os sintomas da ansiedade generalizada, a entrevista estruturada *Anxiety Disorders Interview*

Schedule-Revised (ADIS-R) foi utilizada para a seleção dos pacientes antes do tratamento. Os resultados mostram que os pacientes diagnosticados com TAG são muito mais preocupados que os do grupo controle, especialmente com problemas de saúde, doença ou problemas menores.

Nicassio et al. (1985) desenvolveram uma escala, a *PSAS (The Pre-Sleep Arousal Scale)* com o objetivo de auxiliar os indivíduos a descrever seu estado de excitação antes de adormecer. A escala consiste em um questionário de autorrelato de 16 itens que abarcam manifestações cognitivas e somáticas de excitação. Os resultados sugerem que a ferramenta pode ser útil para estudos futuros, além de ser uma medida útil de triagem para indivíduos com distúrbios do sono.

Entre os mais citados, três estudos abordaram o pânico. Clark (1986) descreveu em seu estudo uma forma de explicá-lo a partir de um modelo cognitivo. Ost (1988), comparando o relaxamento aplicado e o progressivo no tratamento de transtorno de pânico, demonstrou que o relaxamento aplicado foi melhor do que as condições sem tratamento e sem atenção com placebo. Além disso, foi tão eficaz quanto outros métodos comportamentais aos quais foi comparado nos estudos revisados. No estudo de Wolpe e Rowan (1988), os autores fizeram uma explicação sobre a possível etiologia dos ataques de pânico e do transtorno, isto é, explicaram a diferença entre os ataques de pânico iniciais e os ataques recorrentes. O pânico inicial comum, segundo os autores, é uma resposta não-condicionada a estímulos produzidos por hiperventilação excessiva. Já o transtorno de pânico, é resultado de estímulos contíguos, especialmente os endógenos, condicionados à ansiedade eliciada.

A Figura 3 mostra uma nuvem de palavras com os vocábulos mais utilizados nos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 80.

Figura 3

Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1980.



Nota: Foram usadas apenas palavras que apareceram no mínimo duas vezes. Quanto maior a frequência da palavra, maior o destaque da mesma na nuvem.

Podemos notar que as palavras *cognitive* (cognitivo), *treatment* (tratamento), *cues* (pistas) aparecem em destaque. As palavras em destaque estão entre os assuntos mais estudados nos artigos mais citados da década. Na nuvem de palavras aparecem também as palavras *panic* (pânico), *worry* (preocupação), *social-anxiety* (ansiedade social) que estão entre os assuntos mais estudados nos artigos.

DÉCADA DE 1990

A década de 90, foi uma década notadamente marcada por estudos relacionados ao desenvolvimento, avaliação e/ou utilização de escalas. Lovibond e Lovibond (1995), no estudo mais citado da década, fazem uma comparação entre 3 escalas (*Depression Anxiety Stress Scale* - *DASS*, *Beck Anxiety Inventory* – *BAI*, e *BDI*) para diferenciar os padrões psicométricos

envolvidos. No estudo de Brown et. al. (1997), as propriedades psicométricas da escala *DASS* foram avaliadas em dois estudos com grandes amostras. Os resultados sugerem uma boa justificativa empírica para seu uso em amostras clínicas de pacientes com ansiedade e transtornos de humor.

O estudo de Spence (1998) examinou as propriedades psicométricas de uma escala que foi projetada para avaliar os sintomas de ansiedade em crianças. A *Spence Children's Anxiety Scale (SCAS)* é uma medida de autorrelato infantil, desenvolvida para avaliar vários sintomas de ansiedade, principalmente àqueles relacionados à ansiedade de separação, fobia social, transtorno obsessivo-compulsivo, ansiedade generalizada e medo de lesões físicas. A escala tem propriedades psicométricas aceitáveis e pode ser uma ferramenta valiosa para a avaliação da ansiedade infantil na clínica. Pode fornecer informações sobre os transtornos de ansiedade específicos da infância. A fobia social e a preocupação também estiveram entre os assuntos mais estudados durante a década. Meyer et al. (1990) realizaram oito estudos diferentes para desenvolver o questionário *Penn State Worry Questionnaire (PSWQ)* e testar sua validade. Os resultados sugerem que o questionário é um instrumento de autorrelato sólido com boa validade para avaliar o traço de preocupação, principalmente em pacientes com Transtorno de Ansiedade Generalizada. Mattick e Clarke (1998) desenvolveram e validaram a Escala de Fobia Social (SPS) - que avalia o medo de ser avaliado durante atividades rotineiras, como comer, beber, etc, e a Escala de Ansiedade e Interação Social (SIAS) – que avalia os medos de interação social mais gerais. São medidas complementares para avaliar os medos da fobia social e ambas mostraram altos níveis de consistência interna e confiabilidade teste-reteste.

Rapee e Heimberg (1997) propuseram um modelo cognitivo de explicação para a fobia social e, diante das inúmeras possibilidades, tomaram como ponto de partida o modo como os indivíduos processam as informações e interagem com o mundo. A preocupação, como um dos traços da ansiedade, foi estudada por Mathews (1990). Por meio da metodologia de

processamento de informações, o autor investigou a preocupação, chamando-a de função cognitiva, e demonstrou que apesar da ansiedade e da preocupação serem adaptativas, nos preparando para perigos futuros que requerem muitas das vezes uma representação imaginal, os sujeitos ansiosos atendem seletivamente às informações ameaçadoras, interpretando eventos ambíguos de forma relativamente ameaçadora. O uso desta metodologia é apontado como importante para melhorar a capacidade dos estudiosos e profissionais da área para compreender e tratar tais condições clínicas.

O transtorno de ansiedade generalizada também foi protagonista nos assuntos da década de 90. No estudo de Dugas et al. (1998), foi proposto um teste preliminar de um modelo conceitual do transtorno, que conseqüentemente traria implicações clínicas. As principais características do modelo são à intolerância à incerteza, as crenças sobre preocupação, orientação deficiente para o problema e evitação cognitiva. Os autores propõem a exposição cognitiva como uma das formas de minimizar o problema. Já o estudo de Borkovec e Inz (1990) comparou as frequências de relato da presença de pensamentos e imagens em indivíduos com transtornos de ansiedade generalizada e em não-ansiosos. Os resultados sugerem que a preocupação é semelhante ao pensamento quanto ao conteúdo. Os autores especulam que a preocupação pode funcionar como uma forma de esquiva de imagens emocionais e sensações somáticas associadas.

A Figura 4 mostra uma nuvem de palavras com os termos mais utilizados nos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 90.

Figura 4

Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 1990.



Nota: Foram usadas apenas palavras que apareceram no mínimo duas vezes. Quanto maior a frequência da palavra, maior o destaque da mesma na nuvem.

Os principais temas da década (mencionados acima) se refletem nas palavras mais frequentes nos títulos, que são: as escalas (principalmente a *Depression Anxiety Stress Scales* – DASS e *Beck Depression Inventory* – BDI), *social-phobia* (fobia-social), *worry* (preocupação) e *model* (referente à modelo).

DÉCADA DE 2000

O artigo mais citado da década de 2000 é de Harvey (2002), que propõe um novo modelo de explicação cognitiva da insônia. O autor sugere que os indivíduos com insônia tendem a se preocupar excessivamente com o sono e com as consequências diurnas que terão caso não durmam o suficiente. Desta forma, a atividade cognitiva excessiva e negativa acaba desencadeando uma excitação autonômica e sofrimento e este estado de ansiedade desencadearia uma atenção seletiva e um monitoramento de sinais de ameaças internas e

externas ao sono. A ansiedade excessiva, somada aos outros eventos, acaba culminando em um déficit real no sono e no funcionamento do indivíduo.

Três estudos foram realizados na década a respeito de dois instrumentos: *Obsessive Belief Questionnaire (OBQ)* e *Interpretation of Intrusions Inventory (III)*. O estudo de Steketee et al. (2001) descreve as etapas do processo de desenvolvimento e validação do *OBQ* e do *III*. O *OBQ* consiste em 87 itens que representam suposições disfuncionais que cobrem domínios relacionados à aspectos cognitivos do TOC, tais como superestima de ameaça e intolerância à incerteza; e o *III* é composto por 31 itens que se referem a interpretações de intrusões ocorridas recentemente. Ambos tiveram indicação de confiabilidade e validade, além de excelente consistência interna e estabilidade no exame inicial. No entanto, foi apontado no primeiro estudo a necessidade de novas investigações empíricas e teóricas para estudar a correlação e a sobreposição entre as escalas. Steketee et al. (2003) realizaram a validação psicométrica do questionário e do inventário, e os testes de consistência interna e confiabilidade teste-reteste indicaram que ambos avaliam aspectos estáveis do pensamento relacionados à obsessão-compulsão, e que avaliam as principais características cognitivas da obsessividade. Contudo, as subescalas têm alta correlação, e ambas evidenciaram baixa validade discriminante. Em 2005, Steketee et al. descreveram os resultados da análise fatorial à que foram submetidas as 6 subescalas derivadas do *OBQ*. Neste estudo, uma bateria de questionários foi completada por 410 pacientes ambulatoriais com diagnóstico de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), 105 pacientes ansiosos não-obsessivos, 87 adultos não clínicos da comunidade e 291 estudantes universitários. Uma versão de 44 itens do *OBQ* (*OBQ-44*) mostrou boa consistência interna e validade relacionada aos critérios em amostras clínicas e não-clínicas. Os três principais fatores que emergiram desta pesquisa foram: (1) responsabilidade e estimativa de ameaça, (2) perfeccionismo e intolerância para a incerteza e (3) importância e controle dos pensamentos.

Além do *OBQ* e do *III*, outras medidas também tiveram suas propriedades

psicométricas analisadas. A pesquisa de Buhr e Dugas (2002) tentou aprofundar a compreensão da intolerância à incerteza por meio do exame das propriedades psicométricas da versão em inglês da Escala de Intolerância à Incerteza (IUS), já validada em francês. Os resultados mostraram que a escala tem excelente consistência interna, boa confiabilidade teste-reteste e que é uma medida sólida para avaliar o construto, bastante envolvido na preocupação. No estudo de Nauta et al. (2004), os autores examinaram a Escala de Ansiedade Infantil de Spence (SCAS-P) comparando o relato dos pais com o autorrelato das crianças. Foram encontradas evidências de validade convergente e divergente e a escala é recomendada como um instrumento de triagem para crianças normais, bem como um instrumento de diagnóstico em ambientes clínicos. Chorpita et al. (2005) examinaram as propriedades da Escala Revisada de Ansiedade e Depressão Infantil (RCADS) em 513 jovens que foram encaminhados para avaliação de saúde mental em uma clínica universitária. A consistência interna e a análise fatorial forneceram suporte para a validade fatorial da escala. Nos testes de validade para entrevista clínica e para critérios de autorrelato, os autores também sugeriram propriedades favoráveis de RCADS.

A Figura 5 mostra uma nuvem de palavras com as palavras mais utilizadas nos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 2000.

Figura 5

Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 2000.



Nota: Foram usadas apenas palavras que apareceram no mínimo duas vezes. Quanto maior a frequência da palavra, maior o destaque da mesma na nuvem.

Podemos notar que as palavras *psychometric* (psicométrico), *Obsessive Belief Questionnaire* (*Questionário de Crença Obsessiva*), *Interpretation Intrusions Inventory* (*Interpretação do Inventário de Intrusões*) aparecem em destaque. As palavras em destaque estão entre os assuntos mais estudados nos artigos mais citados da década. Na nuvem de palavras aparecem também as palavras *validation* (validação) e *properties* (propriedades) que estão entre os assuntos mais estudados nos artigos.

DÉCADA DE 2010

A frequente comorbidade entre os transtornos mentais impulsionou uma busca por fatores associados ao desenvolvimento de vários tipos de psicopatologia, o que foi denominado de fatores transdiagnósticos. Os tratamentos que abrangem mais de um transtorno também recebem a mesma denominação. No estudo de Aldao e Nolen-Hoeksema (2010) foi examinada a relação entre quatro estratégias cognitivas de regulação da emoção e os sintomas de três psicopatologias. As estratégias desadaptativas (ruminação e supressão) foram comparadas com as estratégias adaptativas (reavaliação, resolução de problemas), e os resultados sugerem que,

quando utilizadas, as estratégias mal-adaptativas podem desempenhar um papel central na psicopatologia e fornecer suporte para uma abordagem transdiagnóstica de regulação cognitiva da emoção. O estudo de McLaughlin e Nolen-Hoeksema (2011) demonstrou também que a ruminação deve ser considerada como fator transdiagnóstico no tratamento de transtornos de ansiedade e depressão. McLaughlin et al. (2011) em seu estudo, reiteraram a importância de se considerar ações preventivas na adolescência para melhorar os déficits de regulação emocional, visto que este é um importante fator transdiagnóstico, que aumenta o risco do desenvolvimento de psicopatologias. Titov et al. (2011) examinaram a eficácia de um programa de tratamento cognitivo-comportamental transdiagnóstico realizado pela internet. O programa se propôs a tratar mais de um transtorno de ansiedade e era realizado por meio de aulas educacionais baseadas em TCC e tarefas de casa, e-mails semanais, ou contato telefônico direto com um psicólogo clínico, além de fóruns de discussão e e-mails automatizados. Os resultados deste estudo clínico randomizado (ECR) indicaram que programas como esse podem ter sucesso no tratamento de TAG, transtorno de pânico e/ou fobia social.

Outros estudos da mesma década demonstraram alguns tipos de tratamentos que podem ser oferecidos pela internet. Ljótsson et al. (2010) investigaram se a TCC com base na exposição e em exercícios de atenção plena, oferecidos pela internet, seriam eficazes no tratamento de indivíduos com síndrome do intestino irritável (SII). Os resultados sugerem que o tratamento é eficaz, e pode aliviar a carga total de sintomas, aumentando a qualidade de vida dos pacientes. Para a fobia social, o tratamento fornecido pela internet também se mostrou como uma opção de tratamento promissora. Alguns indivíduos receberam um tratamento de autoajuda não guiado de 10 semanas baseado na web, outros receberam a mesma intervenção, complementada com um suporte mínimo semanal do terapeuta por e-mail (Berger et al., 2011). No estudo de Vernmark et al. (2010), as descobertas indicaram que tanto a autoajuda guiada, quanto a terapia individualizada por e-mail são eficazes.

Os estudos de MacCoon et al. (2012) e Vøllestad et al. (2011) estudaram a aplicação e a eficácia da prática de redução do estresse baseada em mindfulness - *Mindfulness-Based Stress Reduction (MBSR)*. Comparados os efeitos do *MBSR* e do Programa de Melhoria da Saúde (HEP) na atenção plena, HEP pode ser considerado um controle ativo, enquanto *MBSR* não gerou mudanças na atenção. Os resultados do estudo enfatizam a importância de usar uma condição de controle ativa como HEP em estudos que estejam avaliando a eficácia de *MBSR*. Vøllestad et al. (2011) investigaram o efeito de *MBSR* na atenção plena para pacientes com transtornos de ansiedade heterogêneos. Os resultados indicam que *MBSR* é um tratamento eficaz para os transtornos de ansiedade.

A Figura 6 mostra uma nuvem de palavras com os termos mais utilizados nos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 2010.

Figura 6

Nuvem composta pelas palavras dos títulos dos 20 artigos mais citados da década de 2010.



Nota: Foram usadas apenas palavras que apareceram no mínimo duas vezes. Quanto maior a frequência da palavra, maior o destaque da mesma na nuvem.

Os principais temas da década (mencionados acima) se refletem nas palavras mais frequentes nos títulos: *transdiagnostic* (transdiagnóstico), seguido das expressões *Mindfulness-*

Based Stress Reduction (Redução do estresse baseada em mindfulness) e *irritable bowel syndrome* (síndrome do intestino irritável).

Para destacar os principais resultados podemos citar que o procedimento de dessensibilização sistemática, feita de forma individual ou em grupo, e com o próprio estímulo fóbico tem bons resultados. No entanto, em comparação com o procedimento de *flooding*, este é melhor para o tratamento da ansiedade fóbica. Os principais diagnósticos estudados ao longo dos anos foram Fobia Social, Pânico, Transtorno de Ansiedade Generalizada e Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Vale destacar a crescente utilização de escalas nas pesquisas, assim como seu desenvolvimento e validação. Ao longo dos anos, destacaram-se diferentes formas de tratamentos propostos, tais como TCC, ACT e DBT, e as terapias utilizando a internet.

5 DISCUSSÃO

Este estudo teve por objetivo sintetizar as principais contribuições dos artigos mais citados sobre ansiedade na revista *Behaviour Research and Therapy* ao longo de suas décadas de existência. Os resultados foram apresentados por década, destacando os estudos mais influentes e sintetizando o que eles têm em comum em suas descobertas.

Pode-se notar que foram inúmeras e bem distintas as contribuições ao longo dos anos, e que as mudanças ocorridas com o passar do tempo retratam, possivelmente, um refinamento/aprimoramento das técnicas e procedimentos estudados/utilizados.

A dessensibilização sistemática foi desenvolvida pelo Dr. Joseph Wolpe, médico psiquiatra. Moreira e Medeiros (2019) explicam que, a partir da generalização respondente, a dessensibilização consiste em aplicar um procedimento de extinção em pequenos passos, isto é, expondo o paciente de forma gradativa a estímulos que eliciam respostas de menor magnitude até o estímulo condicionado original (estímulo fóbico). Pode ser realizado com o próprio estímulo, ou de forma imaginária. Neste caso, para reduzir a ansiedade e o comportamento de evitação, o paciente é levado a imaginar, em um estado de profundo relaxamento, cenas relacionadas à situação temida. O terapeuta vai avançando a atividade gradualmente, das situações menos ansiogênicas para aquelas que são mais capazes ou prováveis de produzir ansiedade.

Ao longo dos anos, entre os estudos mais citados, os resultados foram demonstrando que o procedimento de dessensibilização com relaxamento (Wolpin & Raines, 1966; Kondas, 1967; Lomont & Edwards, 1967), feito de forma individual ou em grupo (Suinn, 1968; Mann & Rosenthal, 1969) e com o próprio estímulo fóbico tem bons resultados (Cooke, 1966; Barlow et al., 1969). Além disso, na década de 60, dois estudos destacaram que a *STABS* poderia servir como uma hierarquia pronta para a realização do procedimento de dessensibilização (Suinn,

1968; Suinn, 1969) e que a escala *FSS* dividida em 5 fatores pode auxiliar na escolha do melhor tratamento para cada cliente (Rubin et al., 1969).

Na comparação entre procedimentos, os resultados mostram que o procedimento de *flooding* é melhor que a dessensibilização sistemática para o tratamento da ansiedade fóbica, conhecida atualmente como Fobia (Boulougouris et al., 1971). O procedimento de *flooding* é uma modalidade de exposição *in vivo* em que o paciente é exposto ao seu objeto fóbico por um período prolongado, sem possibilidade de evitá-lo ou de fugir da situação. É um procedimento bastante eficaz para pacientes agorafóbicos (Emmelkamp & Wessels, 1975; Emmelkamp et al. 1978) e quanto mais prolongada a exposição melhores são os resultados para os pacientes obsessivos-compulsivos (Rabavilas et al., 1976).

No que diz respeito aos diagnósticos, queixas e transtornos mais estudados, ao longo das décadas a que esse estudo se propôs avaliar foram 4 as edições do DSM publicadas, acompanhadas ainda por algumas revisões. Em 1994 foi publicada a quarta edição (DSM-IV) que representou uma evolução do manual, por apresentar um aumento significativo de dados, com a inclusão de novos diagnósticos, descritos de forma mais clara e precisa. Uma revisão desta edição foi publicada no ano 2000 e utilizada até 2013, na publicação da nova edição (DSM-5).

O DSM-5, como todas as outras edições, teve como objetivo fornecer ferramentas para clínicos e pesquisadores, além de promover uma coleta de dados estatísticos mais fácil (Araújo & Neto, 2014).

No capítulo sobre Transtornos de Ansiedade houve reformulações: o Transtorno Obsessivo-Compulsivo, o de Estresse Agudo e o de Estresse Pós-traumático foram alocados em capítulos novos. Segundo Araújo e Neto (2014) os quadros fóbicos tiveram alteração no que o indivíduo precisava reconhecer a respeito de seu problema, e no tempo de duração mínima dos sintomas para que fosse configurado o diagnóstico. O Transtorno de Pânico e a

Agorafobia foram separados como diagnósticos independentes, pois reconheceu-se que alguns casos de Agorafobia acontecem sem sintomas de pânico. O diagnóstico do Transtorno de Estresse Pós-Traumático também teve mudanças em seus critérios.

Como numa linha do tempo ao longo das décadas, para apresentar as principais queixas e transtornos mentais identificados e estudados pelos artigos mais citados de cada década poderíamos destacar: Ansiedade de Teste e de Palco na década de 60, Agorafobia e Fobias na década de 70, Pânico e Fobia Social na década de 80, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo e seu traço de preocupação, e o Transtorno de Ansiedade Generalizada e a Fobia Social em destaque na década de 90. Novamente na década de 2000 o Transtorno Obsessivo-Compulsivo e seus aspectos cognitivos aparecem como destaque e por fim, na década de 2010 a Fobia Social, TAG, Pânico, e Síndrome do Intestino Irritável. Coincide com o ano de publicação do DSM-5, possivelmente, a não aparição de novos estudos sobre o TOC entre os artigos sobre ansiedade na década de 2010, já que o transtorno mudou de classificação. É notável também o número maior de diagnósticos dentre os 20 artigos mais citados na década, inclusive com a utilização de modelos transdiagnósticos, que convergem com a nova classificação dimensional proposta pela última edição do manual (DSM-5).

Um outro ponto importante a ser mencionado são as escalas. Desde a primeira década avaliada por este estudo já era notável a presença de escalas e inventários na realização das pesquisas. No decorrer dos anos elas passaram a ser mais usadas em pesquisas (a título de exemplo: Scherer & Nakamura, 1968; Marks & Mathews, 1979; Borkovec et al., 1983; Lovibond & Lovibond, 1995; Chorpita et al., 2000; Titov et al., 2011). Nos resultados podemos destacar a utilização de escalas, questionários e inventários, que geralmente são autoaplicados e de estilo psicométrico. Segundo DeSousa et al. (2013) estes instrumentos são amplamente utilizados por conta de suas vantagens, como o baixo custo e a facilidade de administração, obtendo as informações necessárias a partir do ponto de vista do respondente.

A partir da década de 80 uma grande quantidade de estudos, entre os 20 artigos mais citados de cada década, debruçaram-se no desenvolvimento e na validação de novas escalas e inventários (Nicassio et al., 1985; Meyer et al., 1990; Lovibond & Lovibond, 1995; Mattick & Clarke, 1998; Steketee et al., 2001). Na década de 2000 foi destaque a avaliação das propriedades psicométricas dos instrumentos (Baker et al., 2002; Buhr & Dugas, 2002; Steketee et al., 2003; Nauta et al., 2004; Chorpita et al., 2005), o que ficou em destaque notável na nuvem de palavras da década. DeSousa et al. (2013) argumentam que é necessária a contínua avaliação e atualização dos instrumentos já existentes, já que parte deles baseia-se nos critérios do DSM e o manual também é periodicamente atualizado e revisado. Além disso, segundo os autores, a apuração das propriedades psicométricas é fundamental para que possam ser feitas as adequações da ferramenta, reavaliando no caso dos transtornos de ansiedade, por exemplo, os sintomas, a gravidade, a frequência e os critérios diagnósticos.

Além de fornecer dados objetivos, bastante exigidos pela ciência, as escalas e inventários tornam mais fácil a comparação de dados (porque são objetivos, observáveis) e facilitam a replicação dos estudos. Os dados objetivos e a possibilidade de replicação podem ser considerados um diferencial das terapias comportamentais, que ficaram conhecidas e ganharam espaço rapidamente por conseguirem garantir a evidência científica de seus pressupostos e descobertas. Outra prática que fornece a confiabilidade dos dados, e é considerada uma das ferramentas mais poderosas para a obtenção de evidências para a prática clínica (Souza, 2009) são os ECR. Só na década de 2010, entre os 20 artigos mais citados, 6 deles são ECR (Ljótsson, et al., 2010; VernmarkLenndin, et al., 2010; Berger, et al., 2011; Titov, et al., 2011; Aldao & Nolen-Hoeksema, 2012; Cavanagh, et al., 2013).

Ao analisarmos as diferentes formas de tratamentos propostas e que foram utilizadas ao longo dos anos na pesquisa, foi possível relacioná-las com as primeira, segunda e terceira ondas, propostas por Hayes (2004).

De acordo com Hayes (2004), pela preocupação com os aspectos empíricos e com as intervenções baseadas em evidências, as primeiras terapias comportamentais foram desenvolvidas para contraditar os modelos não-empíricos vigentes na década de 60. Assim, a primeira onda é representada pelas terapias comportamentais que focam no condicionamento clássico, condicionamento operante e em outros princípios de aprendizagem (como a modificação de comportamento, terapia baseada em exposição, dessensibilização sistemática (David & Hofmann, 2013). Hayes e Hofmann (2017) salientam que na primeira onda as terapias comportamentais estiveram comprometidas com a aplicação dos princípios de aprendizagem projetados para mudar o comportamento (Hayes & Hofmann, 2017). Segundo Leonardi (2015), algumas intervenções usadas até hoje tiveram origem na primeira onda, em especial a técnica de Dessensibilização Sistemática de Wolpe. Na década de 60, tal técnica foi destaque (Cooke, 1966; Wolpin & Raines, 1966; Kondas, 1967; Lomont & Edwards, 1967; Garlington & Cotler, 1968; Lader & Mathews, 1968; Suinn, 1968; Barlow et al., 1969; Mann & Rosenthal, 1969) e permaneceu sendo bastante utilizada nos artigos mais citados ainda na década de 70 (Boulougouris et al, 1971; Marzillier et al., 1976; Hugdahl et al., 1977; Borkovec & Sides, 1979).

A segunda onda teve início aproximado na década de 70 e abarcou, segundo Hayes e Hofmann (2017), métodos e conceitos com foco nos padrões de pensamento não-adaptativos e a utilização de tais métodos para detectar e mudar esses padrões. É representada pelas terapias cognitivas, que têm como foco a avaliação cognitiva e as reestruturações cognitivas disfuncionais/irracionais (David & Hofmann, 2013). Nos achados desta pesquisa, a terapia cognitiva-comportamental ganhou espaço a partir da década de 80 (Clark, 1986; Salkovskis e Warwick, 1986; Lucock e Salkovskis, 1988; Beidel et al., 1985) e nas décadas seguintes não saiu mais dos destaques, como podemos analisar também através das nuvens de palavras. Décadas de 80, 90, 2000 e 2010 tiveram pesquisas em destaque que traziam a visão cognitiva

e/ou propostas de tratamentos baseados na terapia cognitiva-comportamental (Rapee e Heimberg, 1997; Harvey, 2002; Aldao e Nolen-Hoeksema, 2010; Ljótsson et al., 2010; Titov et al., 2011)

Na tentativa de ampliar os conceitos do comportamento verbal para acessar processos linguísticos bastante abordados pela ciência cognitiva, Hayes retomou conceitos básicos da análise do comportamento e voltou-se para o modelo operante (Hayes, 2004; Lucena-Santos et al., 2015). A nova formulação de linguagem, conhecida como Teoria das Molduras Relacionais (RFT) passou a coexistir com os outros construtos do Behaviorismo Radical, formando o que Hayes chamou de Contextualismo Funcional. O foco, nesta terceira onda, permanece na função dos comportamentos, com modelo ambientalista e construtivista, com acréscimo da RFT.

A terceira onda é representada principalmente pela Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), abordagens metacognitivas, *Dialectic Behavior Therapy (DBT)* e *Mindfulness-Based Cognitive Therapy (MBCT)* (David & Hofmann, 2013).

Assim como na literatura, nos resultados deste estudo é notável a presença dos tratamentos propostos pela terceira onda (Ljótsson et al., 2010; McCracken & Gutiérrez-Martines, 2011; Vøllestad et al., 2011; MacCoon, 2012; Cavanagh, et al., 2013; Ost, 2014). Na década de 2010, a prática da *Mindfulness Based Stress Reduction (MBSR)* foi bastante estudada e os resultados mostraram-se satisfatórios. Vøllestad et al. (2011) demonstraram a eficácia da *MBSR* na atenção plena para pacientes com transtornos de ansiedade. McCracken e Gutiérrez-Martines (2011) apontam o potencial de mudança no tratamento da dor crônica com a utilização da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), principalmente quando o objetivo terapêutico visa aumentar a flexibilidade psicológica. Já a revisão sistemática atualizada e meta-análise de Ost (2014), que avaliou a eficácia de 60 ensaios clínicos randomizados sobre transtornos psiquiátricos e somáticos e estresse no trabalho, mostrou que a ACT não está bem estabelecida para qualquer transtorno.

Além dos tratamentos da terceira onda, ficou em destaque na década de 2010 a crescente utilização da internet para os tratamentos cognitivos-comportamentais (Ljótsson et al., 2010; Vernmark et al., 2010; Berger et al., 2011;). A terapia cognitivo-comportamental baseada na internet (*Internet Based Cognitive Therapy - ICBT*), segundo Kumar et al. (2017) é uma terapia fornecida por computador ou dispositivo móvel com grandes vantagens no que diz respeito ao tempo de tratamento, que pode ser menor, com menos custo e uma menor taxa de desistência. Além disso, pode beneficiar um maior número de pessoas, especialmente moradores de áreas rurais.

São várias as formas de disseminação da *ICBT*, há diversos programas de acesso aberto não guiado disponíveis. Estudos mostram que a *ICBT* é tão eficaz quanto a terapia que acontece face a face (Kumar et al., 2017). No entanto, sem a contribuição de um clínico ou outra pessoa que oriente, estes programas tendem a funcionar menos do que os programas guiados (Andersson, 2010; Titov, et al., 2011).

A utilização da tecnologia pode favorecer um maior número de pessoas a serem beneficiadas com os tratamentos, pelo baixo custo e pela rápida troca de informações.

É importante destacar que trabalhar com resultados baseados no número de citações tem algumas limitações. Isto porque um artigo recente pode, por exemplo, não ter tido tempo suficiente, até a data de nossa busca, para ser utilizado como referência em outros estudos. Além disso, nas décadas iniciais o acesso à tecnologia da informação e à internet eram menores, e os conteúdos naquela época abarcados pelas pesquisas podem ter sido encontrados em pesquisas mais recentes.

O tipo de estudo realizado também interfere nestes resultados de citações. O estudo mais citado de todas as décadas, por exemplo, de Lovibond & Lovibond (1995) é um artigo sobre o desenvolvimento e validação de algumas escalas. Sendo assim, todos os artigos posteriores que utilizarem a escala desenvolvida necessariamente terão que citar o artigo que

deu início a ela.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho sintetizou as principais contribuições dos artigos mais citados sobre ansiedade na revista *Behaviour Research and Therapy* ao longo de suas décadas de publicação. Considerou o que os estudos apresentaram em comum, identificando e discutindo os principais transtornos mentais estudados, assim como os principais tipos de tratamentos propostos.

Pode-se destacar que foram vários os transtornos mentais estudados ao longo dos anos, e que os tratamentos propostos foram nestes anos sendo aprimorados e cada vez apresentando bons resultados. Os tratamentos e instrumentos (escalas e inventários) foram sendo melhorados para garantir tratamentos eficazes aos pacientes.

É importante também destacar que as questões contextuais, como o ‘surgimento’ das ondas propostas por Hayes (2004) e as diferentes publicações do DSM tiveram influência direta nas publicações da revista, isto é, direcionando os assuntos pesquisados.

Assim, o presente estudo contribui para a comunidade científica por revisar os estudos que abordaram a temática dos transtornos de ansiedade e os tratamentos mais utilizados ao longo dos últimos anos.

Para próximos estudos sugere-se que seja feita uma verificação dos estudos mais influentes na atualidade, e se estes que marcaram a trajetória dos quase 60 anos de publicação da revista permanecem em destaque, uma vez que contribuíram para o desenvolvimento de novos tratamentos, e podem continuar servindo de base para novos estudos. Salientamos também a relevância de se realizar uma retomada das publicações nacionais, uma vez que a prevalência dos transtornos de ansiedade também é grande no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrams, D. B., Monti, P. M., Carey, K. B., Pinto, R. P., & Jacobus, S.I. (1988). Reactivity to smoking cues and relapse: Two studies of discriminant validity. *Behaviour Research and Therapy*, 26(3), 225-233. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(88\)90003-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(88)90003-4)
- Aldao, A., & Nolen-Hoeksema, S. (2010). Specificity of cognitive emotion regulation strategies: A transdiagnostic examination. *Behaviour Research and Therapy*, 48(10), 974-983. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2010.06.002>
- Aldao, A., & Nolen-Hoeksema, S. (2012). The influence of context on the implementation of adaptive emotion regulation strategies. *Behaviour Research and Therapy*, 50(7-8), 493-501. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2012.04.004>
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Press.
- Anderly, M. A., Micheletto, N., & Sérgio, T. M. (2000). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia da SBP*, 8(2), 137-142.
- Andersson, G. (2009). Using the Internet to provide cognitive behaviour therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 47(3), 175-180. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.01.010>
- Andersson, G. (2010). The promise and pitfalls of the internet for cognitive behavioral therapy. *BMC Medicine*, 8: 82. <https://doi.org/10.1186/1741-7015-8-82>
- Andrade, L. H., Wang, Y. P., Andreoni, S., Silveira, C. M., Alexandrino-Silva, C., Siu, E. R., Nishimura, R., Anthony, J. C., Gattaz, W. F., Kessler, R. C., Viana, M. C. (2012). Mental Disorders ins Megacities: Findings from the São Paulo Megacity Mental Health Survey, Brasil. *Plos One*, 7(2): e31879. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0031879>
- Araújo, A. C., & Lotufo Neto, F. (2014). A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais: o DSM-5. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 16(1), 67-82. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v16i1.659>

- Azrin, N. H., & Nunn, R. G. (1974). A rapid method of eliminating stuttering by a regulated breathing approach. *Behaviour Research and Therapy*, 12(4), 279-286. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(74\)90002-3](https://doi.org/10.1016/0005-7967(74)90002-3)
- Baker, S. L., Heinrichs, N., Kim, H. -J., & Hofmann, S. G. (2002). The Liebowitz social anxiety scale as a self-report instrument: A preliminary psychometric analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 40(6), 701-715. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(01\)00060-2](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(01)00060-2)
- Bardone-Cone, A. M., Harney, M. B., Maldonado, C. R., Lawson, M. A., Robinson, D. P., Smith, R., & Tosh, A. (2010). Defining recovery from an eating disorder: Conceptualization, validation, and examination of psychosocial functioning and psychiatric comorbidity. *Behaviour Research and Therapy*, 48(3), 194-202. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.11.001>
- Barlow, D. H., Leitenberg, H., Agras, W. S., & Wincze, J. P. (1969) The transfer gap in systematic desensitization: An analogue study. *Behaviour Research and Therapy*, 7(2), 191-196. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(69\)90032-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(69)90032-1)
- Barlow, D. H., & Allen, L. B. (2004). Scientific Basis of psychological Treatments for Anxiety Disorders: Past, Present, and Future. In: J. M. Gorman (Ed.), *Fear and anxiety: The benefits of translational research* (171–191). American Psychiatric Publishing, Inc.
- Beck, A. T., & Emery, G. (with Greenberg, R. L.). (1985). *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective*. New York: Basic Books.
- Beck, A. T., Epstein, N., Brown, G., & Steer, R. A. (1988). An inventory for measuring clinical anxiety: Psychometric properties. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 893-897. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.56.6.893>
- Beck, A.T., & Clark, D.A. (1997). An information processing model of anxiety: Automatic and strategic processes. *Behaviour Research and Therapy*, 35(1), 49-58.

[https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(96\)00069-1](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(96)00069-1)

- Beck, A. T., Guth, D., Steer, R. A., & Ball, R. (1997). Screening for major depression disorders in medical inpatients with the Beck Depression Inventory for Primary Care. *Behaviour Research and Therapy*, 35(8), 785-791. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(97\)00025-9](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(97)00025-9)
- Beidel, D. C., Turner, S. M., & Dancu, C. V. (1985). Physiological, cognitive and behavioral aspects of social anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 23(2), 109-117. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(85\)90019-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(85)90019-1)
- Berger, T., Caspar, F., Richardson, R., Kneubühler, B., Sutter, D., & Andersson, G. (2011). Internet-based treatment of social phobia: A randomized controlled trial comparing unguided with two types of guided self-help. *Behaviour Research and Therapy*, 49(3), 158-169. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2010.12.007>
- Bibb, J. L., & Chambless, D. L. (1986). Alcohol use and abuse among diagnosed agoraphobics. *Behaviour Research and Therapy*, 24(1), 49-58. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(86\)90149-X](https://doi.org/10.1016/0005-7967(86)90149-X)
- Bieling, P. J., Antony, M. M., & Swinson, R.P. (1998). The state-trait anxiety inventory, trait version: Structure and content re-examined. *Behaviour Research and Therapy*, 36(7-8), 777-788. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00023-0](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00023-0)
- Bhasin, A., Pendi, K., Musa, A., Turner, J., Yazdani, V., Shahbazi, A., & Baron, D. A. (2020). The fifty most cited publications in anxiety disorder research. *Minerva Psichiatrica*; 61, 93-101. <https://doi.org/10.23736/S0391-1772.20.02075-0>
- Borkovec, T. D., & Sides, J. K. (1979). The contribution of relaxation and expectancy to fear reduction via graded, imaginal exposure to feared stimuli. *Behaviour Research and Therapy*, 17(6), 529-540. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(79\)90096-2](https://doi.org/10.1016/0005-7967(79)90096-2)
- Borkovec, T. D., Robinson, E., Pruzinsky, T., & DePree, J.A. (1983). Preliminary exploration

- of worry: Some characteristics and processes. *Behaviour Research and Therapy*, 21(1), 9-16. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(83\)90121-3](https://doi.org/10.1016/0005-7967(83)90121-3)
- Borkovec, T. D., & Inz, J. (1990). The nature of worry in generalized anxiety disorder: A predominance of thought activity. *Behaviour Research and Therapy*, 28(2), 153-158. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90027-G](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90027-G)
- Boulougouris, J. C., Marks, I. M., & Marset, P. (1971). Superiority of flooding (implosion) to desensitization for reducing pathological fear. *Behaviour Research and Therapy*, 9(1), 7-16. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(71\)90030-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(71)90030-1)
- Bouton, M. E. (1988). Context and ambiguity in the extinction of emotional learning: Implications for exposure therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 26(2), 137-149. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(88\)90113-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(88)90113-1)
- Boyle, S., Allan, C., & Millar, K. (2004). Cognitive-behavioral interventions in a patient with an anxiety disorder related to diabetes. *Behavior Research and Therapy*, 42, 357-366. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2003.11.006>
- Brady, J. P. (1966). Brevital-relaxation treatment of frigidity. *Behaviour Research and Therapy*, 4(1-2), 71-77. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(66\)90045-3](https://doi.org/10.1016/0005-7967(66)90045-3)
- Brown, T. A., Chorpita, B. F., Korotitsch, W., & Barlow, D. H. (1997). Psychometric properties of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) in clinical samples. *Behaviour Research and Therapy*, 35(1), 79-89. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(96\)00068-X](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(96)00068-X)
- Buhr, K., & Dugas, M. J. (2002). The intolerance of uncertainty scale: Psychometric properties of the English version. *Behaviour Research and Therapy*, 40(8), 931-945. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(01\)00092-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(01)00092-4)
- Burns, G. L., Keortge, S. G., Formea, G. M., & Sternberger, L. G. (1996). Revision of the Padua Inventory of obsessive compulsive disorder symptoms: Distinctions between

worry, obsessions, and compulsions. *Behaviour Research and Therapy*, 34(2), 163-173.

[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(95\)00035-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(95)00035-6)

Carvalho Júnior, P. M., Da Rosa, R. S. L., Sgambatti, M. S. Adachi, E. A., & Carvalho, V. C.

L.(2012). Avaliação do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde na Família: uma análise qualitativa através de duas técnicas. *Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto*. 11(supl. 1), 114-119.

Castillo, A. R. G. L. , Recondo, R., Asbahr, F. R., & Manfro, G. G. (2000). Transtornos de ansiedade. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 22(2), 20-

23. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>

Cautela, J. R. (1965). A behavior therapy approach to pervasive anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 4(2), 99–109. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(66\)90050-7](https://doi.org/10.1016/0005-7967(66)90050-7)

Cavanagh, K., Strauss, C., Cicconi, F., Griffiths, N., Wyper, A., & Jones, F. (2013). A randomised controlled trial of a brief online mindfulness-based intervention. *Behaviour Research and Therapy*, 51(9), 573-578. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2013.06.003>

Chorpita, B. F., Yim, L., Moffitt, C., Umemoto, L. A., & Francis, S. E. (2000). Assessment of symptoms of DSM-IV anxiety and depression in children: A revised child anxiety and depression scale. *Behaviour Research and Therapy*, 38(8), 835-855. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(99\)00130-8](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(99)00130-8)

Chorpita, B. F., Moffitt, C. E., & Gray, J. (2005). Psychometric properties of the Revised Child Anxiety and Depression Scale in a clinical sample. *Behaviour Research and Therapy*, 43(3), 309-322. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.02.004>

Clark, D. M. (1986). A cognitive approach to panic. *Behaviour Research and Therapy*, 24(4), 461-470. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(86\)90011-2](https://doi.org/10.1016/0005-7967(86)90011-2)

Clark, D. M., Layard, R., Smithies, R., Richards, D. A., Suckling, R., & Wright, B. (2009). Improving access to psychological therapy: Initial evaluation of two UK demonstration

- sites. *Behaviour Research and Therapy*, 47(11), 910-920.
<https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.07.010>
- Clark, D., & Beck, A. (2012). *Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade*. Porto Alegre: Artmed.
- Clement, P. W., & Milne, D. C. (1967). Group play therapy and tangible reinforcers used to modify the behavior of 8-yr-old boys. *Behaviour Research and Therapy*, 5(4), 301-312.
[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(67\)90021-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(67)90021-6)
- Coelho, N. L., & Tourinho, E. Z. (2006). O Conceito de Ansiedade na Análise do Comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 171-178. <http://doi.org/dnqx3r>
- Cooke, G. (1966). The efficacy of two desensitization procedures: An analogue study. *Behaviour Research and Therapy*, 4(1-2), 17-24. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(66\)90039-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(66)90039-8)
- Costello, C. G., & Comrey, A. L. (1967). Scales for measuring anxiety and depression. *Journal of Psychology*, 66, 303-313. <https://doi.org/10.1080/00223980.1967.10544910>
- Craske, M. G., Rapee, R. M., Jackel, L., & Barlow, D. H. (1989). Qualitative dimensions of worry in DSM-III-R generalized anxiety disorder subjects and nonanxious controls. *Behaviour Research and Therapy*, 27(4), pp. 397-402. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(89\)90010-7](https://doi.org/10.1016/0005-7967(89)90010-7)
- Craske, M. G., Kircanski, K., Zelikowsky, M., Mystkowski, J., Chowdhury, N., & Baker, A. (2008). Optimizing inhibitory learning during exposure therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 46(1), 5-27. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2007.10.003>
- Craske, M. G., Wolitzky-Taylor, K. B., Labus, J., Wu, S., Frese, M., Mayer, E. A., & Naliboff, B.D. (2011) A cognitive-behavioral treatment for irritable bowel syndrome using interoceptive exposure to visceral sensations. *Behaviour Research and Therapy*, 49(6-7), 413-421. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.04.001>

- Craske, M. G., Treanor, M., Conway, C. C., Zbozinek, T., & Vervliet, B. (2014). Maximizing exposure therapy: An inhibitory learning approach. *Behaviour Research and Therapy*, 58, 10-23. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2014.04.006>
- Craske, M. G. (s.d). Editorial da Revista Behaviour Research and Therapy (site). Recuperado em: <https://www.journals.elsevier.com/behaviour-research-and-therapy>. Acesso em: 02 julho 2021.
- Davey, G. C. L. (1989). Dental phobias and anxieties: Evidence for conditioning processes in the acquisition and modulation of a learned fear. *Behaviour Research and Therapy*, 27(1), 51-58. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(89\)90119-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(89)90119-8)
- David, D., & Hofmann, S. G. (2013). Another error of Descartes? Implications for the “Third Wave” Cognitive Behavioral Therapy. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 13(13), 111-121.
- Delitti, A. M. C. (2008). Terapia Analítico Comportamental em Grupo. In Delitti, A. M. C. (Org.); Derdyk, P. R. (Org.). *Terapia Analítico-Comportamental em Grupo. 1. ed.* Santo André: ESETec Editores Associados.
- DeSousa, D. A., Moreno, A. L., Gayer, G., Manfro, G.G., & Koller, S. H. (2013). Revisão sistemática de instrumentos para avaliação de ansiedade na população brasileira. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 397-410.
- Donnell, C. D., & McNally, R. J. (1990). Anxiety sensitivity and panic attacks in a nonclinical population. *Behaviour Research and Therapy*, 28(1), 83-85. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90058-Q](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90058-Q)
- Donner, L., & Guerney Jr., B. G. (1969). Automated group desensitization for test anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 7(1), 1-13. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(69\)90043-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(69)90043-6)
- Dugas, M. J., Gagnon, F., Ladouceur, R., & Freeston, M. H. (1998). Generalized anxiety

- disorder: A preliminary test of a conceptual model. *Behaviour Research and Therapy*, 36(2), 215-226. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(97\)00070-3](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(97)00070-3)
- Ehlers, A., Clark, D. M., Hackmann, A., McManus, F., & Fennell, M. (2005). Cognitive therapy for post-traumatic stress disorder: Development and evaluation. *Behaviour Research and Therapy*, 43(4), 413-431. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.03.006>
- Emmelkamp, P. M. G. (1974). Self-observation versus flooding in the treatment of agoraphobia. *Behaviour Research and Therapy*, 12(3), 229-237.
- Emmelkamp, P. M. G., & Wessels, H. (1975). Flooding in imagination vs flooding in vivo: A comparison with agoraphobics. *Behaviour Research and Therapy*, 13(1), 7-15. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(75\)90047-9](https://doi.org/10.1016/0005-7967(75)90047-9)
- Emmelkamp, P. M. G., Kuipers, A. C. M., & Eggeraat, J. B. (1978). Cognitive modification versus prolonged exposure in vivo: A comparison with agoraphobics as subjects. *Behaviour Research and Therapy*, 16(1), 33-41. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(78\)90087-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(78)90087-6)
- Essau, C. A., Conradt, J., & Petermann, F. (1999). Frequency and comorbidity of social phobia and social fears in adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, 37(9), 831-843. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00179-X](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00179-X)
- Eysenck, H. J. (1968) A theory of the incubation of anxiety/fear responses. *Behaviour Research and Therapy*, 6(3), 309-321. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90064-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90064-8)
- Foa, E. B., & Chambless, D. L. (1978). Habituation of subjective anxiety during flooding in imagery. *Behaviour Research and Therapy*, 16(6), 391-399. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(78\)90010-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(78)90010-4)
- Friedman, D. (1966). A new technique for the systematic desensitization of phobic symptoms. *Behaviour Research and Therapy*, 4(1-2), 139-140. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(66\)90054-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(66)90054-4)

- Friman, P. C., Hayes, E. B., & Wilson, K. G. (1998). Why behavior analysts should study emotion: the example of anxiety. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 31, 137-156. <https://doi.org/10.1901/jaba.1998.31-137>
- Frost, R. O., & Gross, R. C. (1993). The hoarding of possessions. *Behaviour Research and Therapy*, 31(4), 367-381. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(93\)90094-B](https://doi.org/10.1016/0005-7967(93)90094-B)
- Garlington, W. K., & Cotler, S. B. (1968). Systematic desensitization of test anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 6(3), 247-256. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90059-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90059-4)
- Gray, J. A. (1970). The psychophysiological basis of introversion-extroversion. *Behaviour Research and Therapy*, 8, 249-266. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(70\)90069-0](https://doi.org/10.1016/0005-7967(70)90069-0)
- Grayson, J. B., Foa, E. B., & Steketee, G. (1982). Habituation during exposure treatment: Distraction vs attention-focusing. *Behaviour Research and Therapy*, 20(4), 323-328. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(82\)90091-2](https://doi.org/10.1016/0005-7967(82)90091-2)
- Grossberg, J. M., & Wilson, H. K. (1965). A correlational comparison of the Wolpe-Lang fear survey schedule and Taylor manifest anxiety scale. *Behaviour Research and Therapy*, 3, 125-128. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(65\)90016-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(65)90016-1)
- Gross, P. R., & Eifert, G. H. (1990). Components of generalized anxiety: the role of intrusive thoughts vs worry. *Behaviour Research and Therapy*, 28(5), 421-428. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90162-C](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90162-C)
- Gyani, A., Shafran, R., Layard, R., & Clark, D. M. (2013). Enhancing recovery rates: Lessons from year one of IAPT. *Behaviour Research and Therapy*, 51(9), 597-606. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2013.06.004>
- Hallam, R., Rachman, S., & Falkowski, W. (1972). Subjective, attitudinal and physiological effects of electrical aversion therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 10(1), 1-13. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(72\)90002-2](https://doi.org/10.1016/0005-7967(72)90002-2)
- Harvey, A. G. (2002). A cognitive model of insomnia. *Behaviour Research and Therapy*, 40,

869-893. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(01\)00061-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(01)00061-4)

- Hayes, S. C. (2004). Acceptance and Commitment Therapy and the New Behavior Therapies: Mindfulness, Acceptance, and Relationship. In S. C. Hayes, V. M. Follette, & M. M. Linehan (Orgs.), *Mindfulness and acceptance: Expanding the cognitive-behavioral tradition* (pp. 1–29). New York, NY, US: Guilford Press.
- Hayes, S. C., & Hofmann S. G. (2017). The third wave of cognitive behavioral therapy and the rise of process-based care. *World Psychiatry*, 16(3), 245-246. <https://doi.org/10.1002/wps.20442>
- Heeren, A., Reese, H. E., McNally, R. J., & Philippot, P. (2012) Attention training toward and away from threat in social phobia: Effects on subjective, behavioral, and physiological measures of anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 50(1), 30-39. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.10.005>
- Hersen, M., Eisler, R. M., & Miller, P. M. (1973). Development of assertive responses: Clinical, measurement and research considerations. *Behaviour Research and Therapy*, 11(4), 505-521. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(73\)90110-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(73)90110-1)
- Hessel, A., Bortoli, E. B., & Haydu, V. B. (2012). O pensar e o sentir numa análise comportamental da ansiedade. In C. V. B. B. Pessoa, C. E. Costa & M. F. Benvenuti (Orgs.), *Comportamento em foco* (vol 1, pp. 283-292). São Paulo: ABPMC.
- Hirsch, C. R. & Mathews, A. (2012). A cognitive model of pathological worry. *Behaviour Research and Therapy*, 50, 636-646. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2012.06.007>
- Hodgson, R. J., & Rankin, H. J. (1976). Modification of excessive drinking by cue exposure. *Behaviour Research and Therapy*, 14(4), 305-307. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(76\)90007-3](https://doi.org/10.1016/0005-7967(76)90007-3)
- Hugdahl, K., Fredrikson, M., & Öhman, A. (1977). 'Preparedness' and 'arousability' as determinants of electrodermal conditioning. *Behaviour Research and Therapy*, 15(4),

345-353. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(77\)90066-3](https://doi.org/10.1016/0005-7967(77)90066-3)

Kondaš, O. (1967). Reduction of examination anxiety and 'stage-fright' by group desensitization and relaxation. *Behaviour Research and Therapy*, 5(4), 275-281.

[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(67\)90019-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(67)90019-8)

Koster, E. H. W., Crombez, G., Verschuere, B., & De Houwer, J. (2004). Selective attention to threat in the dot probe paradigm: Differentiating vigilance and difficulty to disengage. *Behaviour Research and Therapy*, 42(10), 1183-1192.

<https://doi.org/10.1016/j.brat.2003.08.001>

Kumar V, Sattar Y, Bseiso A, Khan, S., & Rutkofsky, I. H. (2017). The Effectiveness of Internet-Based Cognitive Behavioral Therapy in Treatment of Psychiatric Disorders.

Cureus 9(8): e1626. <https://doi.org/10.7759/cureus.1626>

Lader, M. H., & Mathews, A. M. (1968) A physiological model of phobic anxiety and desensitization. *Behaviour Research and Therapy*, 6(4), 411-421.

[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90021-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90021-1)

Lanyon, R., Mwosevitz, M., & Imber, R. R. (1968). Systematic desensitization: distribution of practice and symptom substitution. *Behaviour Research and Therapy*, 6, 323-329.

[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90065-X](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90065-X)

Lazarus, A.A. (1963). The results of behaviour therapy in 126 cases of severe neuroses.

Behaviour Research and Therapy, 1(1), 69-79. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(63\)90010-X](https://doi.org/10.1016/0005-7967(63)90010-X)

Leonardi, J. L. (2015). O lugar da terapia analítico-comportamental no cenário internacional das terapias comportamentais: um panorama histórico. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 06(2), 119–131. <http://doi.org/10.18761/pac.2015.027>

<http://doi.org/10.18761/pac.2015.027>

Ljótsson, B., Falk, L., Vesterlund, A.W., Hedman, E., Lindfors, P., Rück, C., Hursti, T.,

Andréewitch, S., Jansson, L., Lindefors, N., & Andersson, G. (2010). Internet-delivered

- exposure and mindfulness based therapy for irritable bowel syndrome – A randomized controlled trial. *Behaviour Research and Therapy*, 48(6), 531-539. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2010.03.003>
- Lissek, S., Powers, A. S., McClure, E. B., Phelps, E. A., Woldehawariat, G., Grillon, C., & Pine, D. S. (2005). Classical fear conditioning in the anxiety disorders: A meta-analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 43(11), 1391-1424. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.10.007>
- Litman, G. K., Eiser, J. R., Rawson, N. S. B., & Oppenheim, A. N. (1979). Differences in relapse precipitants and coping behaviour between alcohol relapsers and survivors. *Behaviour Research and Therapy*, 17(2), 89-94. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(79\)90016-0](https://doi.org/10.1016/0005-7967(79)90016-0)
- Lomont, J. F., & Edwards, J. E. (1967). The role of relaxation in systematic desensitization. *Behaviour Research and Therapy*, 5(1), 11-25. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(67\)90051-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(67)90051-4)
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The Structure of negative emotional states: comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-U](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-U)
- Lucock, M. P., & Salkovskis, P. M. (1988). Cognitive factors in social anxiety and its treatment. *Behaviour Research and Therapy*, 26(4), 297-302. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(88\)90081-2](https://doi.org/10.1016/0005-7967(88)90081-2)
- Lunardi, M. S., Castro, J., & Monat, A. (2008). Visualização dos resultados do Yahoo em nuvens de texto: uma aplicação construída a partir de web services. *InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação*, 5(1), 21-35.
- MacCoon, D. G., Imel, Z. E., Rosenkranz, M. A., Sheftel, J. G., Weng, H. Y., Sullivan, J. C.,

- Bonus, K. A., Stoney, C. M., Salomons, T. V., Davidson, R. J., & Lutz, A. (2012). The validation of an active control intervention for Mindfulness Based Stress Reduction (MBSR). *Behaviour Research and Therapy*, 50(1), 3-12. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.10.011>
- Mann, J., & Rosenthal, T. L. (1969). Vicarious and direct counterconditioning of test anxiety through individual and group desensitization. *Behaviour Research and Therapy*, 7(4), 359-367. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(69\)90065-5](https://doi.org/10.1016/0005-7967(69)90065-5)
- Marks, I. M., & Mathews, A. M. (1979). Brief standard self-rating for phobic patients. *Behaviour Research and Therapy*, 17(3), 263-267. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(79\)90041-X](https://doi.org/10.1016/0005-7967(79)90041-X)
- Marzillier, J. S., Lambert, C., & Kellett, J. (1976). A controlled evaluation of systematic desensitization and social skills training for socially inadequate psychiatric patients. *Behaviour Research and Therapy*, 14(3), 225-238. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(76\)90015-2](https://doi.org/10.1016/0005-7967(76)90015-2)
- Mathews, A., & MacLeod, C. (1985). Selective processing of threat cues in anxiety states. *Behaviour Research and Therapy*, 23(5), 563-569. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(85\)90104-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(85)90104-4)
- Mathews, A. (1990). Why worry? The cognitive function of anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 28(6), 455-468. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90132-3](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90132-3)
- Mattick, R. P., & Clarke, J. C. (1998). Development and validation of measures of social phobia scrutiny fear and social interaction anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 36(4), 455-470. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(97\)10031-6](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(97)10031-6)
- McCracken, L. M., & Gutiérrez-Martínez, O. (2011). Processes of change in psychological flexibility in an interdisciplinary group-based treatment for chronic pain based on Acceptance and Commitment Therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 49(4), 267-

274. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.02.004>

McLaughlin, K. A., Hatzenbuehler, M. L., Mennin, D. S., & Nolen-Hoeksema, S. (2011).

Emotion dysregulation and adolescent psychopathology: A prospective study.

Behaviour Research and Therapy, 49(9), 544-554.

<https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.06.003>

McLaughlin, K. A., & Nolen-Hoeksema, S. (2011). Rumination as a transdiagnostic factor in

depression and anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 49(3), 186-193.

<https://doi.org/10.1016/j.brat.2010.12.006>

Mennin, D. S., Heimberg, R. G., Turk, C. L., & Fresco, D. M. (2005). Preliminary evidence

for an emotion dysregulation model of generalized anxiety disorder. *Behaviour*

Research and Therapy, 43(10), 1281-1310. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.08.008>

Meyer, T. J., Miller, M. L., Metzger, R. L., & Borkovec, T. D. (1990). Development and

validation of the penn state worry questionnaire. *Behaviour Research and Therapy*,

28(6), 487-495. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90135-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90135-6)

Mogg, K., Mathews, A., & Weinman, J. (1989). Selective processing of threat cues in anxiety

states: A replication. *Behaviour Research and Therapy*, 27(4), 317-323.

[https://doi.org/10.1016/0005-7967\(89\)90001-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(89)90001-6)

Mogg, K., Bradley, B. P., De Bono, J., & Painter, M. (1997). Time course of attentional bias

for threat information in non-clinical anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 35(4),

297-303. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(96\)00109-X](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(96)00109-X)

Mogg, K., & Bradley, B. P. (1998). A cognitive-motivational analysis of anxiety. *Behaviour*

Research and Therapy, 36(9), 809-848. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00063-](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00063-1)

[1](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00063-1)

Mogg, K., & Bradley, B. P. (2002). Selective orienting of attention to masked threat faces in

social anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 40(12), 1403-1414.

[https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(02\)00017-7](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(02)00017-7)

Moreira, M. B., e Medeiros, C. A. (2019). *Princípios básicos de análise do comportamento. 2.* Ed. Porto Alegre; Artmed.

Morina, N., Ijntema, H., Meyerbröker, K., & Emmelkamp, P. M. G. (2015). Can virtual reality exposure therapy gains be generalized to real-life? A meta-analysis of studies applying behavioral assessments. *Behaviour Research and Therapy*, 74, 18-24.
<https://doi.org/10.1016/j.brat.2015.08.010>

Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L.M. (1995). Some historiography of behavior analysis and some behavior analysis of historiography. In Todd, J. T. & Morris, E. K. (Org.). *Modern Perspectives on B. F. Skinner and Contemporary Behaviorism* (pp. 195-215). London: Greenwood.

Muris, P., Merckelbach, H., Ollendick, T., King, N., & Bogie, N. (2002). Three traditional and three new childhood anxiety questionnaires: Their reliability and validity in a normal adolescent sample. *Behaviour Research and Therapy*, 40(7), 753-772.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(01\)00056-0](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(01)00056-0)

Murphy J. M., Horton, N. J., Laird, N. M., Monson, R. R., Sobol, A. M., & Leighton, A. H. (2004) Anxiety and depression: a 40-year perspective on relationships regarding prevalence, distribution, and comorbidity. *Acta Psychiatr Scand*, 109, 355-375.
<https://doi.org/10.1111/j.600-0447.2003.00286.x>

Nauta, M. H., Scholing, A., Rapee, R. M., Abbott, M., Spence, S. H., & Waters, A. (2004). A parent-report measure of children's anxiety: Psychometric properties and comparison with child-report in a clinic and normal sample. *Behaviour Research and Therapy*, 42(7), 813-839. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(03\)00200-6](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(03)00200-6)

Neves, P. C. (2013). Sistematização crítica da linguagem utilizada pela Ouvidoria Geral do Sistema Único de Saúde na disseminação de informações. *Dissertação (mestrado)*—

- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Recuperado em 18 de dezembro, 2020, de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13708>.
- Nicassio, P. M., Mendlowitz, D. R., Fussell, J. J., & Petras, L. (1985). The phenomenology of the pre-sleep state: The development of the pre-sleep arousal scale. *Behaviour Research and Therapy*, 23(3), 263-271. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(85\)90004-X](https://doi.org/10.1016/0005-7967(85)90004-X)
- Ollendick, T. H., & Hersen, M. (1979). Social skills training for juvenile delinquents. *Behaviour Research and Therapy*, 17(6), 547-554. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(79\)90098-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(79)90098-6)
- Oreskovic, S. (2016). Breaking down the Silo Mentality in Global Mental Health: The New Role for the Schools of Public Health. *Psychiatr Danub*, 28(4), 318-320.
- Öst, L.-G., & Hugdahl, K. (1981). Acquisition of phobias and anxiety response patterns in clinical patients. *Behaviour Research and Therapy*, 19(5), 439-447. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(81\)90134-0](https://doi.org/10.1016/0005-7967(81)90134-0)
- Öst, L.-G. (1987). Applied relaxation: Description of a coping technique and review of controlled studies. *Behaviour Research and Therapy*, 25(5), 397-409. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(87\)90017-9](https://doi.org/10.1016/0005-7967(87)90017-9)
- Öst, L.-G. (1988). Applied relaxation vs progressive relaxation in the treatment of panic disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 26(1), 13-22. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(88\)90029-0](https://doi.org/10.1016/0005-7967(88)90029-0)
- Öst, L.-G. (2014). The efficacy of Acceptance and Commitment Therapy: An updated systematic review and meta-analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 61, 105-121.
- Queiroz, P. P., & Guilhardi, H. J. (2001). Identificação e análise de contingências geradoras de ansiedade: caso clínico. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P.P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição, volume 07*, (pp. 257-268). Santo

André: ESETec.

- Rachman, S., & Hodgson, R. (1974). Synchrony and desynchrony in fear and avoidance. *Behaviour Research and Therapy*, 12(4), 311-318. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(74\)90005-9](https://doi.org/10.1016/0005-7967(74)90005-9)
- Rachman, S., de Silva, P., & Röper, G. (1976). The spontaneous decay of compulsive urges. *Behaviour Research and Therapy*, 14(6), 445-453. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(76\)90091-7](https://doi.org/10.1016/0005-7967(76)90091-7)
- Rabavilas, A. D., Boulougouris, J. C., & Stefanis, C. (1976). Duration of flooding sessions in the treatment of obsessive-compulsive patients. *Behaviour Research and Therapy*, 14(5), 349-355. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(76\)90022-X](https://doi.org/10.1016/0005-7967(76)90022-X)
- Ramsden, A. & Bate, A. (2008). *Using word clouds in teaching and learning*. Bath: University of Bath.
- Rapee, R. M., & Heimberg, R. G. (1997). A cognitive-behavioral model of anxiety in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 35(8), 741-756. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(97\)00022-3](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(97)00022-3)
- Reiss, S., Peterson, R. A., Gursky, D. M., & McNally, R. J. (1986). Anxiety sensitivity, anxiety frequency and the prediction of fearfulness. *Behaviour Research and Therapy*, 24(1), 1-8. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(86\)90143-9](https://doi.org/10.1016/0005-7967(86)90143-9)
- Rubin, S. E., Lawlis, G. F., Tasto, D. L., & Namenek, T. (1969). Factor analysis of the 122 item fear survey schedule. *Behaviour Research and Therapy*, 7(4), 381-386. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(69\)90068-0](https://doi.org/10.1016/0005-7967(69)90068-0)
- Salkovskis, P. M., & Warwick, H. M. C. (1986). Morbid preoccupations, health anxiety and reassurance: a cognitive-behavioural approach to hypochondriasis. *Behaviour Research and Therapy*, 24(5), 597-602. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(86\)90041-](https://doi.org/10.1016/0005-7967(86)90041-0)

0

- Sarbin, T., & Calif, B. (1964) Anxiety: Reification of a Metaphor. *Archives of General Psychiatry*, 10. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1964.01720240084009>
- Scherer, M.W., & Nakamura, C.Y. (1968). A fear survey schedule for children (FSS-FC): A factor analytic comparison with manifest anxiety (CMAS). *Behaviour Research and Therapy*, 6(2), 173-182. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90004-1](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90004-1)
- Shafran, R., Clark, D. M., Fairburn, C. G., Arntz, A., Barlow, D. H., Ehlers, A., Freeston, M., Garety, P. A., Hollon, S. D., Ost, L. G., Salkovskis, P. M., Williams, J. M. G., & Wilson, G. T. (2009). Mind the gap: Improving the dissemination of CBT. *Behaviour Research and Therapy*, 47(11), 902-909. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.07.003>
- Shostak, B. B., & Peterson, R. A. (1990). Effects of anxiety sensitivity on emotional response to a stress task. *Behaviour Research and Therapy*, 28(6), 513-521. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90138-9](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90138-9)
- Skinner, B. F. (1945). *The operational analysis of psychological terms*. Em B.F. Skinner (1959). *Cumulative Record*. New York: Appleton Century Crofts, Inc.
- Skinner, B. F. (1964). *Sobre o behaviorismo*. Nova York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1991). O lado operante da terapia comportamental. In B. F. Skinner, *Questões Recentes na Análise do Comportamento*. Campinas: Ed. Papirus. Publicação original de 1988.
- Souza, R. F. (2009). O que é um estudo clínico randomizado? *Medicina (Ribeirão Preto)*; 42(1):3-8. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v42i1p3-8>
- Spence, S. H. (1998). A measure of anxiety symptoms among children. *Behaviour Research and Therapy*, 36(5), 545-566. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00034-5](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00034-5)
- Stampfl, T. G. (1968). Implosive Therapy – a behavioral therapy? *Behaviour Research and Therapy*, 6, 31-36. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90039-9](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90039-9)
- Steketee, G., Frost, R., Amir, N., Bouvard, M., Carmin, C., Clark, D. A., Cottraux, J.,

- Emmelkamp, P., Forrester, E., Freeston, M., Hoekstra, R., Kyrios, M., Ladouceur, R., Neziroglu, F., Pinard, G., Pollard, C. A., Purdon, C., Rachman, S., Rheaume, J., ...Yaryura-Tobias, J. (2001). Development and initial validation of the obsessive beliefs questionnaire and the interpretation of intrusions inventory. *Behaviour Research and Therapy*, 39(8), 987-1006. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(00\)00085-1](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(00)00085-1)
- Steketee, G., Frost, R., Bhar, S., Bouvard, M., Calamari, J., Carmin, C., Clark, D. A., Cottraux, J., Emmelkamp, P., Forrester, E., Freeston, M., Hordern, C., Janeck, A., Kyrios, M., McKay, D., Neziroglu, F., Novara, C., Pinard, G., Pollard, C. A., ...Yaryura-Tobias, J. (2003). Psychometric validation of the Obsessive Beliefs Questionnaire and the Interpretation of Intrusions Inventory: Part I. *Behaviour Research and Therapy*, 41(8), 863-878. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(02\)00099-2](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(02)00099-2)
- Steketee, G., Frost, R., Bhar, S., Bouvard, M., Calamari, J., Carmin, C., Clark, D. A., Cottraux, J., Emmelkamp, P., Forrester, E., Freeston, M., Hordern, C., Janeck, A., Kyrios, M., McKay, D., Neziroglu, F., Novara, C., Pinard, G., Pollard, C. A., ...Yaryura-Tobias, J. (2005). Psychometric validation of the obsessive belief questionnaire and interpretation of intrusions inventory - Part 2: Factor analyses and testing of a brief version. *Behaviour Research and Therapy*, 43(11), 1527-1542. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.07.010>
- Stopa, L., & Clark, D.M. (1993). Cognitive processes in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 31(3), 255-267. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(93\)90024-O](https://doi.org/10.1016/0005-7967(93)90024-O)
- Suinn, R. M. (1968). The desensitization of test-anxiety by group and individual treatment. *Behaviour Research and Therapy*, 6(3), 385-387. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(68\)90071-5](https://doi.org/10.1016/0005-7967(68)90071-5)
- Suinn, R. M. (1969). The STABS, a measure of test anxiety for behavior therapy: Normative data. *Behaviour Research and Therapy*, 7(3), 335-339. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(69\)90018-7](https://doi.org/10.1016/0005-7967(69)90018-7)

- Telch, M. J., Agras, W. S., Taylor, C. B., Roth, W. T., & Gallen, C. C. (1985). Combined pharmacological and behavioral treatment for agoraphobia. *Behaviour Research and Therapy*, 23(3), 325-335. [https://doi.org/10.1016/0006-7967\(85\)90011-7](https://doi.org/10.1016/0006-7967(85)90011-7)
- Titov, N., Dear, B. F., Schwencke, G., Andrews, G., Johnston, L., Craske, M. G., & McEvoy, P. (2011). Transdiagnostic internet treatment for anxiety and depression: A randomised controlled trial. *Behaviour Research and Therapy*, 49(8), 441-452. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.03.007>
- Treffers, P. D. A., & Silverman, W. K. (2011). Anxiety and its disorder in children and adolescents in historical perspective. Published by Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511994920.002>
- Vernmark, K., Lenndin, J., Bjärehed, J., Carlsson, M., Karlsson, J., Öberg, J., Carlbring, P., Eriksson, T., & Andersson, G. (2010). Internet administered guided self-help versus individualized e-mail therapy: A randomized trial of two versions of CBT for major depression. *Behaviour Research and Therapy*, 48(5), 368-376. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2010.01.005>
- Vilela, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. (2020). Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. *Millenium*, 2(11), 29-36. doi: <https://doi.org/10.29352/mill0211.03.00230>
- Vøllestad, J., Sivertsen, B., & Nielsen, G. H. (2011). Mindfulness-based stress reduction for patients with anxiety disorders: Evaluation in a randomized controlled trial. *Behaviour Research and Therapy*, 49(4), 281-288. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2011.01.007>
- Watson, J. P., Gaind, R., & Marks, I. M. (1972). Physiological habituation to continuous phobic stimulation. *Behaviour Research and Therapy*, 10(3), 269-278. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(72\)90043-5](https://doi.org/10.1016/0005-7967(72)90043-5)
- Warwick, H. M. C., & Salkovskis, P. M. (1990). Hypochondriasis. *Behaviour Research and*

- Therapy*, 28(2), 105-117. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(90\)90023-c](https://doi.org/10.1016/0005-7967(90)90023-c)
- Wells, A., & Davies, M. I. (1994). The thought control questionnaire: A measure of individual differences in the control of unwanted thoughts. *Behaviour Research and Therapy*, 32(8), 871-878. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)90168-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)90168-6)
- Wells, A., & Cartwright-Hatton, S. (2004). A short form of the metacognitions questionnaire: Properties of the MCQ-30. *Behaviour Research and Therapy*, 42(4), 385-396. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(03\)00147-5](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(03)00147-5)
- Wolpe, J., & Rowan, V. C. (1988). Panic disorder: A product of classical conditioning. *Behaviour Research and Therapy*, 26(6), 441-450. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(88\)90138-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(88)90138-6)
- Wolpin, M., & Raines, J. (1966). Visual imagery, expected roles and extinction as possible factors in reducing fear and avoidance behavior. *Behaviour Research and Therapy*, 4(1-2), 25-37. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(66\)90040-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(66)90040-4)
- World Health Organization (2004). International statistical classification of diseases and health related problems (The) ICD-10: WHO.
- World Health Organization (2017). Depression and other common mental disorders: global health estimates. Geneva: WHO.
- Zamignani, D. R., & Banaco, R. A. (2005). Um panorama analítico-comportamental sobre os transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 77-92. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i1.44>

APÊNDICES

Tabela 1 - Lista dos artigos mais citados da década de 60 em ordem decrescente de citações.

Número de citações	Ano de publicação	Título do Artigo	Autores
229	1968	A fear survey schedule for children: a factor analytic comparison with manifest anxiety	Scherer & Nakamura
151	1968	A theory of the incubation of anxiety/fear responses	Eysenck
137	1968	A physiological model of phobic anxiety and desensitization	Lader & Mathews
69	1969	The stabs, a measure of teste anxiety for behavior therapy: normative data	Suinn
60	1969	Automated group desensitization for test anxiety	Donner & Guerney Jr.
50	1969	The transfer gap in systematic desensitization: an analogue study	Barlow, Leitenberg, Agras, & Wincze
50	1967	Reduction of examination anxiety and 'stage-fright' by group desensitization and relaxation	Kondaš
50	1966	Brevital-relaxation treatment of frigidity	Brady
47	1966	The efficacy of two desensitization procedures: an analogue study	Cooke
46	1969	Vicarious and direct counterconditioning of test anxiety through individual and group desensitization	Mann & Rosenthal
43	1968	The desensitization of test-anxiety by group and individual treatment	Suinn
42	1966	Visual imagery expected roles and extinction as possible factor in reducing fear and avoidance	Wolpin & Raines
34	1963	The results of behaviour therapy in 126 cases of severe neurosis	Lazarus
33	1965	A correlational comparison of the wolpe-lang fear survey schedule and taylor manifest anxiety scale	Grossberg & Wilson
31	1969	Factor analysis of the 122 item fear survey schedule	Rubin, Lawlis, Tasto, & Namenek
31	1968	Systematic desensitization of test anxiety	Garlington & Cotler
31	1968	Implosive therapy-a behavioral therapy?	Stampfl & Levis
29	1967	Group play therapy and tangible reinforcers used to modify the behavior of 8-yr-old boys	Clement & Mxline
27	1967	The role of relaxation in systematic desensitization	Lomont & Edwards
25	1966	A new technique for the systematic desensitization of phobic symptoms	Friedman

Tabela 2 - Lista dos artigos mais citados da década de 70 em ordem decrescente de citações.

Número de citações	Ano de publicação	Título do artigo	Autores
1404	1979	Brief standard self-rating for phobic patients	Marks & Mathews
810	1970	The psychophysiological basis of introversion-extraversion	Gray
338	1974	Synchrony and desynchrony in fear and avoidance	Rachman & Hodgson
97	1976	Duration of flooding sessions in the treatment of obsessive-compulsive patients	Rabavilas, Boulougouris. & Stefanis
94	1973	Development of assertive responses: clinical, measurement and research considerations	Hersen, Eisler & Miller
94	1972	Physiological habituation to continuous phobic stimulation	Watson, Gaid & Marks
91	1979	Differences in relapse precipitants and coping behaviour between alcohol relapsers and survivors	Litman, Eiser, Rawson & Oppenheim
88	1978	Cognitive modification versus prolonged exposure in vivo: a comparison with agoraphobics as subjects	Emmelkamp, Kuipers & Eggeraat
86	1975	Flooding in imagination versus flooding in vivo: a comparison with agoraphobics	Emmelkamp & Wessels
83	1971	Superiority of flooding (implosion) to desensitization for reducing pathological fear	Boulougouris, Marks & Marset
81	1977	Preparedness and arousability as determinants of electrodermal conditioning	Hugdahl, Fredrikson & Öhman
77	1979	The contribution of relaxation and expectancy to fear reduction via graded imaginal exposure to feared stimuli	Borkovec & Sides
77	1976	A controlled evaluation of systematic desensitization and social skills training for socially inadequate psychiatric patients	Marzillier, Lambert & Kellett
75	1972	Subjective attitudinal and physiological effects of electrical aversion therapy	Hallam, Rachman & Falkowski
73	1978	Habituation of subjective anxiety during flooding in imagery	Foa & Chambless
71	1976	Modification of excessive drinking by cue exposure	Hodgson & Rankin
68	1976	The spontaneous decay of compulsive urges	Rachman, de Silva & Röper
67	1979	Social skills training for juvenile delinquents	Ollendick & Hersen
61	1974	A rapid method of eliminating stuttering by a regulated breathing approach	Azrin & Nunn
59	1974	Self-observation versus flooding in the treatment of agoraphobia	Emmelkamp

Tabela 3 - Lista dos artigos mais citados da década de 80 em ordem decrescente de citações.

Número de citações	Ano de publicação	Título do Artigo	Autores
2280	1986	Anxiety sensitivity, anxiety frequency and the prediction of fearfulness	Reiss, Peterson, Gursky & McNally
1701	1986	A cognitive approach to panic	Clark
769	1983	Preliminary exploration of worry: some characteristics and processes	Borkovec, Robinson, Pruzinsky & DePree
664	1985	Selective processing of threat cues in anxiety states	Mathews & MacLeod
346	1987	Applied relaxation: description of a coping technique and review of controlled studies	Öst
229	1985	The phenomenology of the pre-sleep state: the development of the pre-sleep arousal scale	Nicassio, Mendlowitz, Fussell & Petras
274	1986	Morbid preoccupations, health anxiety and reassurance: a cognitive-behavioural approach to hypochondriasis	Salkovskis & Warwick
235	1985	Physiological, cognitive and behavioral aspects of social anxiety	Beidel, Turner, & Dancu
211	1989	Selective processing of threat cues in anxiety states: a replication	Mogg, Mathews, & Weinman
204	1981	Acquisition of phobias and anxiety response patterns in clinical patients	Öst & Hugdahl
197	1988	Context and ambiguity in the extinction of emotional learning: implications for exposure therapy	Bouton
187	1989	Qualitative dimensions of worry in dsm-iii-r generalized anxiety disorder subjects and nonanxious	Craske, Rapee, Jackel & Barlow
149	1988	Reactivity to smoking cues and relapse: two studies of discriminant validity	Abrams, Monti, Carey, Pinto, & Jacobus
147	1989	Dental phobias and anxieties: evidence for conditioning processes in the acquisition and modulations of learned fear	Davey
138	1982	Habituation during exposure treatment: distraction vs attention-focusing	Grayson, Foa & Steketee
137	1988	Cognitive factor in social anxiety and its treatment	Lucock & Salkovskis
134	1985	Combined pharmacological and behavioral treatment for agoraphobia	Telch, Agras, Taylor, Roth, & Gallen
129	1986	Alcohol use and abuse among diagnosed agoraphobics	Bibb & Chambless.
118	1988	Applied relaxation vs progressiva relaxation in the treatment of panic disorder	Öst
116	1988	Panic disorder: a product of classical conditioning	Wolpe & Rowan

Tabela 4 - Lista dos artigos mais citados da década de 90 em ordem decrescente de citações.

Número de citações	Ano de publicação	Título do artigo	Autores
3795	1995	The structure of negative emotional states: comparison of the depression anxiety stress scales (dass) with the beck depression and anxiety inventories	Lovibond & Lovibond
2769	1990	Development and validation of the penn state worry questionnaire	Meyer, Miller, Metzger & Borkovec
1835	1998	Development and validation of measures of social phobia scrutiny fear and social interaction anxiety	Mattick & Clarke
1613	1997	A cognitive-behavioral model of anxiety in social phobia	Rapee & Heimberg
1145	1998	A cognitive-motivational analysis of anxiety	Mogg & Bradley
1013	1998	A measure of anxiety symptoms among children	Spence
905	1997	Psychometric properties of the depression anxiety stress scales (dass) in clinical samples	Brown, Chorpita, Korotitsch & Barlow
697	1997	An information processing model of anxiety: automatic and strategic processes	Beck & Clark
507	1990	Why worry? The cognitive function of anxiety	Mathews
493	1998	Generalized anxiety disorder: a preliminary test of a conceptual model	Dugas, Gagnon, Ladouceur & Freeston
461	1990	Hypochondriasis	Warwick & Salkovskis
434	1997	Screening for major depression disorder in medical inpatients with the beck depression inventory for primary care	Beck, Guth, Steer, & Ball
426	1996	Revision of the padua inventory of obsessive compulsive disorder symptoms: distinctions between worry, obsessions, and compulsions	Burns, Keortge, Formea & Sternberger
413	1993	The hoarding of possessions	Frost & Gross
397	1990	The nature of worry in generalized anxiety disorder: a predominance of thought activity	Borkovec & Inz
392	1998	The state-trait anxiety inventory, trait version: structure and content re-examined	Bieling, Antony & Swinson
357	1994	The thought control questionnaire: a measure of individual differences in the control of unwanted thoughts	Wells & Davies
317	1993	Cognitive processes in social phobia	Stopa & Clark
301	1997	Time course of attentional bias for threat information in non-clinical anxiety	Mogg, Bradley, De Bono & Painter
271	1999	Frequency and comorbidity of social phobia and social fears in adolescents	Essau, Conradt & Petermann

Tabela 5 - Lista dos artigos mais citados da década de 2000 em ordem decrescente de citações.

Número de citações	Ano de publicação	Título do artigo	Autores
786	2002	A cognitive model of insomnia	Harvey
735	2000	Assessment of symptoms of dsm-iv anxiety and depression in children: a revised child anxiety and depression scale	Chorpita, Yim, Moffitt, Umemoto & Francis
672	2008	Optimizing inhibitory learning during exposure therapy	Craske, Kircanski, Zelikowsky, Mystkowski, Chowdhury & Baker
574	2005	Psychometric validation of the obsessive belief questionnaire and interpretation of intrusions inventory – part 2: factor analyses and testing of a brief version	Steketee, Frost, Bhar, Bouvard, Calamari, Carmin, Clark, Cottraux, Emmelkamp, Forrester, Freeston, Hordern, Janeck, Kyrios, McKay, Neziroglu, Novara, Pinard, Pollard, Purdon, Rheaume, Riskind, Salkovskis, Sanavio, Shafran, Sica, Simos, Sochting, Sookman, Taylor, Thordarson, Van Oppen, Warren, Whittal, Wilhelm & Yaryura-Tobias
571	2004	A short form of the metacognitions questionnaire: properties of the mcq-30	Wells & Cartwright-Hatton
562	2005	Classical fear conditioning in the anxiety disorders: a meta-analysis	Lissek, Powers, McClure, Phelps, Woldehawariat, Grillon & Pine.
493	2002	The intolerance of uncertainty scale: psychometric properties of the english version	Buhr & Dugas
475	2005	Preliminary evidence for an emotion desregulation model of generalized anxiety disorder	Mennin, Heimberg, Turk & Fresco
435	2004	A parent-report measure of children's anxiety: psychometric properties and comparison with child-report in a clinic and normal sample	Nauta, Scholing, Rapee, Abbott, Spence & Waters
428	2004	Selective attention to threat in the dot probe paradigm: differentiating vigilance and difficulty to disengage	Koster, Crombez, Verschuere & De Houwer
408	2001	Development and initial validation of the obsessive beliefs questionnaire and the interpretation of intrusions inventory	Steketee, Frost, Amir, Bouvard, Carmin, Clark, Cottraux, Emmelkamp Forrester, Freeston, Hoekstra, Kyrios, Ladouceur, Neziroglu, Pinard, Pollard, Purdon, Rachman, Rheaume, Richards, Salkovskis, Sanavio, Shafran, Sica, Simos, Sochting, Sookman, Steketee, Taylor, Thordarson, van Oppen, Warren, Whittal & Yaryura-Tobias
351	2009	Using the internet to provide cognitive behaviour therapy	Andersson
345	2009	Mind the gap: improving the dissemination of cbt	Shafran, Clark, Fairburn, Arntz, Barlow, Ehlers, Freeston, Garety, Hollon, Ost, Salkovskis, Williams & Wilson
345	2005	Cognitive therapy for post-traumatic stress disorder: development and evaluation	Ehlers, Clark, Hackmann, McManus & Fennell

342	2005	Psychometric properties of the revised child anxiety and depression scale in a clinical sample	Chorpita, Moffitt & Gray
341	2002	Selective orienting of attention to masked threat faces in social anxiety	Mogg & Bradley
341	2002	The liebowitz social anxiety scale as a self-report instrument: a preliminary psychometric analysis	Baker, Heinrichs, Kim & Hofmann
334	2002	Three traditional and three new childhood anxiety questionnaires: their reliability and validity in a normal adolescent sample	Muris, Merckelbach, Ollendick, King & Bogie
332	2003	Psychometric validation of the obsessive beliefs questionnaire and the interpretation of intrusions inventory: parte 1	Steketee, Frost, Bhar, Bouvard, Calamari, Carmin, Clark, Cottraux, Emmelkamp, Forrester, Freeston, Hordern, Janeck, Kyrios, McKay, Neziroglu, Novara, Pinard, Pollard, Purdon, Rheaume, Riskind, Salkovskis, Sanavio, Shafran, Sica, Simos, Sochting, Sookman, TaylorThordarson, Van Oppen, Warren, Whittal, Wilhelm & Yaryura-Tobias
329	2009	Improving access to psychological therapy: initial evaluation of two uk demonstration sites	Clark, Layard, Smithies, Richards, Suckling & Wright

Tabela 6 - Lista dos artigos mais citados da década de 2010 em ordem decrescente de citações.

Número de citações	Ano de publicação	Título do artigo	Autores
578	2014	Maximizing exposure therapy: an inhibitory learning approach	Craske, Treanor, Conway, Zbozinek & Vervliet
296	2010	Specificity of cognitive emotion regulation strategies: a transdiagnostic examination	Aldao & Nolen-Hoeksema
254	2011	Rumination as a transdiagnostic factor in depression and anxiety	McLaughlin & Nolen-Hoeksema
229	2011	Emotion dysregulation and adolescent psychopathology: a prospective study	McLaughlin, Hatzenbuehler, Mennin & Nolen-Hoeksema
194	2014	The efficacy of acceptance and commitment therapy: an updated systematic review and meta-analysis	Öst
157	2011	Processes of change in psychological flexibility in an interdisciplinary group-based treatment for chronic pain based on acceptance and commitment therapy	McCracken & Gutiérrez-Martínez
153	2013	Enhancing recovery rates: lessons from year one of iapt	Gyani, Shafran, Layard & Clark
150	2010	Defining recovery from an eating disorder: conceptualization, validation, and examination of psychosocial functioning and psychiatric comorbidity	Bardone-Cone, Harney, Maldonado, Lawson, Robinson, Smith & Tosh
148	2012	The validation of an active control intervention for mindfulness based stress reduction (mbsr)	MacCoon, Imel, Rosenkranz, Sheftel, Weng, Sullivan, Bonus, Stoney, Salomons, Davidson & Lutz
147	2011	Mindfulness-based stress reduction for patients with anxiety disorders: evaluation in a randomized controlled trial	Vøllestad, Sivertsen & Nielsen
146	2011	Transdiagnostic internet treatment for anxiety and depression: a randomised controlled trial	Titov, Dear, Schwencke, Andrews, Johnston, Craske & McEvoy
144	2010	Internet-delivered exposure and mindfulness based therapy for irritable bowel syndrome – a randomized controlled trial	Ljótsson, Falk, Vesterlund, Hedman, Lindfors, Rück, Hursti, Andréewitch, Jansson, Lindefors & Andersson
130	2012	Attention training toward and away from threat in social phobia: effects on subjective, behavioral and physiological measures of anxiety	Heeren, Reese, McNally & Philippot
129	2011	Internet-based treatment of social phobia: a randomized controlled trial comparing unguided with two types of guided self-help	Berger, Caspar, Richardson, Kneubühler, Sutter & Andersson
128	2012	A cognitive model of pathological worry	Hirsch & Mathews
127	2011	A cognitive-behavioral treatment for irritable bowel syndrome using interoceptive exposure to visceral sensations	Craske, Wolitzky-Taylor, Labus, Wu, Frese, Mayer & Naliboff
127	2010	Internet administered guided self-help versus individualized e-mail therapy: a randomized trial of two versions of cbt for major depression	Vernmark, Lenndin, Bjärehed, Carlsson, Karlsson, Öberg, Carlbring, Eriksson & Andersson

124	2015	Can virtual reality exposure therapy gains be generalized to real-life? A meta-analysis of studies applying behavioral assessments	Morina, Ijntema, Meyerbröker & Emmelkamp
120	2013	A randomised controlled trial of a brief online mindfulness-based intervention	Cavanagh, Strauss, Cicconi, Griffiths, Wyper & Jones
120	2012	The influence of context on the implementation of adaptive emotion regulation strategies	Aldao & Nolen-Hoeksema